



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Cultura e memória numa ocupação pós-industrial na cidade do Barreiro: uma tendência linguística.

Carina Isabel Guimarães Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Prof. Auxiliar,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Cultura e memória numa ocupação pós-industrial na cidade do Barreiro: uma tendência linguística.

Carina Isabel Guimarães Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Prof. Auxiliar,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a toda a minha família e amigos que me acompanharam durante todo este processo, apoiando-me incansavelmente.

À minha orientadora, a Professora Alexandra Paio por todo o acompanhamento e aconselhamento durante toda a realização do trabalho, e por toda a partilha de conhecimento que permitiu a sua realização.

Ao Arquiteto Moisés Rosa que sempre se disponibilizou e acompanhou todo o trabalho. e cuja a sua participação e aconselhamento foi complementar e essencial, assim como a sua ajuda para a realização e colaboração no processo participativo.

Ao Arquiteto Sérgio Saraiva do Conselho da Administração da Baía do Tejo por toda a sua disponibilidade e cedência de informação bastante necessária e importante para a realização deste trabalho.

Ao Diretor do Departamento de Planeamento, Gestão Territorial e Equipamentos da Câmara Municipal do Barreiro- Emanuel Santos- que sempre se mostrou disponível para conservar connosco.

Ao André Carmo (IGOT-UL) pela sua disponibilidade para ser entrevistado, ajudando-me a compreender melhor a importância e os desafios dos processos participativos e a complexidade dos territórios pós-industriais como o Barreiro.

À Ana Paula Gonçalves do Museu Industrial da Baía do Tejo que nos cedeu informações importantíssimas e desenhos acerca da história e expansão da Companhia União Fabril.

Ao Dr. Gilberto Gomes do Arquivo da Fundação Amélia de Mello, cuja a sua ajuda foi mais que essencial para a realização do trabalho, desde a partilha de conhecimento fundamental até à partilha de desenhos que permitiu a realização da proposta de projeto.

Ao Augusto Sousa pelas suas conversas e entrevista acerca da comunidade do Barreiro e pela sua ajuda na busca de um espaço e cooperação para realizar o processo participativo.

Ao Rui Pedro Dâmaso da OUT.RA- Associação Cultural , ao André Carapinha da Cooperativa Mula, ao Micael Sousa e ao Professor Ricardo Venâncio Lopes, que disponibilizaram o seu tempo para a realização de entrevistas que nos esclareceram bastantes dúvidas tanto acerca do território do Barreiro como a compreensão de conceitos importantes para o trabalho.

Por fim, ao Os Franceses- Sociedade Democrática União Barreirense, por nos receberem e cederem um espaço para a realização do PLAY THE CITY- BARREIRO.

RESUMO

Palavras-chave: Pós-Industrial | Regeneração Urbana | Memória | Cultura | Identidade

O projeto final de arquitetura insere-se no 'LabTUR- Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente' e tem como objetivo principal a intervenção sobre um território pós-industrial no Barreiro. O trabalho divide-se em duas fases: a primeira realizada em contexto de grupo; e posteriormente realizada uma proposta individual.

Em grupo desenvolve-se uma análise das características e problemáticas do vasto território da CUF - Companhia União Fabril, que corresponde ao atual Parque Empresarial do Barreiro, incluindo, também, uma breve introdução ao contexto histórico. Nesta fase, abordam-se, ainda, conceitos e práticas associadas aos processos participativos e de cocriação denominados tecnopolíticas e city gaming- na procura de uma solução mais próxima das necessidades do território e daqueles que o habitam, contribuindo para uma proposta de regeneração urbana sustentável.

A partir da fase anterior, desenvolve-se, uma proposta individual numa área mais reduzida que se caracteriza por dar uma nova vivência a uma antiga fábrica de ração animal- a Nutasa- com um programa cultural, permanecendo vestígios da memória fabril que faz parte da comunidade do Barreiro.

ABSTRACT

Keywords: Post-Industrial | Urban Regeneration | Memory | Culture | Identity

The architecture final project is part of the 'LabTUR- Laboratory for Intervention Methodologies Essay in the Existing City' and its main objective is to intervene in a post-industrial territory in Barreiro. The work is divided into two phases: the first carried out in a group context; and subsequently made an individual proposal.

As a group, an analysis of the characteristics and problems of the vast territory of CUF - Companhia União Fabril, which corresponds to the current Business Park of Barreiro, is developed, also including a brief introduction to the historical context. In this stage, concepts and practices associated with participatory and co-creation processes called technopolitics and city gaming are also addressed - in a search for a solution closer to the needs of the territory and to those who live in it, contributing to a sustainable proposal for urban regeneration.

From the previous stage onwards, an individual proposal was developed in a smaller area that is characterized by giving a new experiences and uses to an old factory of animal food - Nutasa - with a cultural program, remaining traces of the factory memory that is part of the community of Barreiro.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	VII
Resumo.....	IX
Abstract.....	XI
Índice de figuras.....	XV
Lista de abreviaturas.....	XVIII
Introdução.....	1
Capítulo 1	
1.1. A complexidade dos territórios pós-industriais.....	11
1.2. O caso do Barreiro.....	15
1.3. Cultura como elemento de regeneração urbana.....	19
Capítulo 2	
2.1. Casos de estudo.....	25
2.1.1. Regeneração Urbana de Barcelona (1976- 2000), Espanha.....	25
2.1.2. SESC Pompeia (1986), Lina Bo Bardi, São Paulo, Brasil.....	29
2.1.3. Oliva Criative Factory (2013), São João da Madeira, Portugal.....	33
2.1.4. North Wharf Promenade (2011), TCL + WA Land. arch., Auckland, Nova Zelândia.....	35
2.2. Play The City- Barreiro.....	39
2.3. Reflexão das metodologias estudadas.....	47
Capítulo 3	
3.1. Pensar a cidade - Barreiro.....	51
3.2. Memória e indústria: a fábrica de música.....	59
Considerações finais.....	75
Bibliografia.....	79
Anexos.....	83

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 | Lab'TUR 20 - Barreiro. Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>
- Figura 2 | Lab'TUR 20 - Barreiro. Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>
- Figura 3 | Apresentação realizada pelo arquiteto Sérgio Saraiva (dir. exec. da Baía do Tejo)Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>
- Figura 4 | Estado atual de uma das ruas que pertence ao Parque Empresarial do Barreiro, da Baía do Tejo.
- Figura 5 | Ruínas de um edifício demolido, após a desativação de uma das indústrias.
- Figura 6 | Estado atual da antiga fábrica de rações- Nutasa.
- Figura 7| Complexo Industrial da CUF em1930, no Barreiro.
Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/cuf-companhia-uniao-fabril.html>
- Figura 8 | Complexo industrial da CUF, no Barreiro. Fonte: <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/2019/02/09/complexo-industrial-cuf-quimigal/>
- Figura 9 | Plano geral Quimiparque, Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo. Fonte: Baía do Tejo.
- Figura 10 | Mapa do Plano Geral Metropolitano de Barcelona de 1976. Fonte: <https://lsu4.tumblr.com/tagged/Barcelona>.
- Figura 11 | Vila Olímpica de Barcelona, Espanha. Fonte: <https://www.palco23.com/entorno/barcelona-92-976-millones-en-instalaciones-deportivas-que-hoy-perduran>
- Figura 12 | Eixample 2030, último projeto de regeneração urbana para Barcelona. Fonte: https://ajuntament.barcelona.cat/superilles/sites/default/files/Places_jardinilla_1.pdf
- Figura 13 | 'Praia' do SESC Pompeia. Fonte: Cortesia de Graham Foundation.
- Figura 14 | SESC Pompéia e sua envolvente. Fonte: <http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/>
- Figura 15 | Volume em betão construído. Fonte: <http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/>
- Figura 16 | Planta geral do projeto. Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/sesc-fabrica-pompeia-9>
- Figura 17 | Oliva Bazar, iniciativa que promove projetos portugueses. Fonte: <https://labor.pt/home/2019/07/11/oliva-bazar-voltou-a-promover-projetos-portugueses/>
- Figura 18 | Concerto nas instalações da Oliva Creative Factory. Fonte: <https://www.olivacreativefactory.com/post/reveillon-2019-2020>
- Figura 19 | Fotografias dos silos com projeção na fachada. Fonte: <https://landscapearchitecturemagazine.org/tag/north-wharf-promenade-and-silo-park/>
- Figura 20 | Desporto aquático nas pargens da promenade. Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>
- Figura 21 | Espaços de estar na zona portuária. Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>
- Figura 22 | Paisagem industrial no espaço social. Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>
- Figura 23 | Projeto People Power Planning Newark em ação. Fonte: The Form of Form, Lisbon Architecture Triennale, 2016, p. 124-125
- Figura 24 | Realização do jogo PLAY THE CITY- BARREIRO (à direita).
- Figura 25 | Tabuleiro do jogo Play The City- Barreiro.

Figura 26 | Exemplo de Carta "Play The City- Barreiro". Nestas cartas também é possível ver quais são as peças que irão ser dadas para realizar as jogadas (ver Anexo C).

Figura 27 | Exemplo de Carta de Ator Local, e respetiva Carta de Ação.

Figura 28 | Cartas com as regras a serem cumpridas pelos jogadores.

Figura 29 | Resultado do jogo 'PLAY THE CITY- BARREIRO', realizado n'Os Franceses.

Figura 30 | Plano de Urbanização para o território da Quimiparque e área envolvente (2010), onde assinala a TTT, dos RISCO. Fonte: RISCO.

Figura 31 | Projeto da Plataforma Multimodal do Porto de Lisboa (2020), dos RISCO, com o eixo da TTT a tracejado. Fonte: RISCO.

Figura 32 | Mapas de usos que analisa a distribuição das atividades e serviços no território do Barreiro.

Figura 33 | Resultado do processo participativo, PLAY THE CITY- BARREIRO, em 3D.

Figura 34 | A antiga fábrica de rações da Nutasa e os silos. Fonte: Museu Indústria da Baía do Tejo.

Figura 35 | Cartaz do festival 'Barreiro Rocks 2014'. Fonte: <https://frankmarques.wordpress.com/cartazes-barreiro-rocks/14/>

Figura 36 | Cartaz do festival 'OUT.FEST 2016'. Fonte: https://outfest.pt/wp-content/uploads/2021/04/AF_O.F-2016_cartaz_A3-640x914-1.jpg

Figura 37 | Mapa das associações culturais situadas no Barreiro. Fonte: Projeto TUR'20 - Technopolitics in Urban Regeneration Co-creating Liveable Spaces, no Barreiro.

Figura 38 | Planta do desenho do espaço público, na zona portuária da antiga fábrica (à esquerda).

Figura 39 | Fotomontagem dos silos com arte urbana e projeção de vídeo/filme. Fonte: Museu Industrial da Baía do Tejo (imagem base).

Figura 40 | Plantas de implantação do equipamento da fábrica da Nutasa. Fonte: Fundação Arquivo Amélia de Mello.

Figura 41 | Axonometria da estrutura do edifício pelo qual se distribui o programa da Fábrica de Música (à esquerda).

Figura 42 | Projeto Fábrica de Música (1:500). Piso 0: praça coberta, biblioteca, livraria e cafetaria.

Figura 43 | Projeto Fábrica de Música (escaça 1:500).

Figura 44 | Projeto Fábrica de Música (escaça 1:500).

Figura 45 | Projeto Fábrica de Música (escaça 1:500).

LISTA DE ABREVIATURAS

CUF- Companhia União Fabril

TTT- Terceira Travessia do Tejo

ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

INTRODUÇÃO



Figura 1 | Lab'TUR 20 - Barreiro
Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>



Figura 2 | Lab'TUR 20 - Barreiro
Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>



Figura 3 | Apresentação realizada pelo arquiteto Sérgio Saraiva (dir. exec. da Baía do Tejo).
Fonte: <https://www.facebook.com/turcocreating>

Na contemporaneidade, tem-se notado no ritmo frenético com que as cidades evoluem, uma tentativa de acompanhar todas as necessidades duma sociedade global e tecnológica¹ (Castells, 2002; Sassen, 2001). Às cidades são acrescentadas mais e mais dimensões de estudo quer sejam elas conceituais, sociais, económicas, culturais ou morfológicas.

"Reflectir hoje sobre os espaços urbanos implica equacionar uma constante e cada vez mais acentuada convergência entre economia e cultura, que tende também a traduzir-se em termos das estratégias políticas das cidades. Efectivamente, tem sido evidente a mudança na percepção da importância económica da cultura, agora generalizadamente assumida como factor de atractividade e como elemento central das estratégias políticas de desenvolvimento urbano"

Oliveira e Guerra (2016, p. 118).

Neste sentido, o projeto final de arquitetura (PFA) inserido no 'Lab-TUR- Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente' (Figuras 1, 2 e 3) tem como ponto de partida o estudo da cidade do Barreiro que já teve o seu apogeu socioeconómico e que agora se encontra num processo de declínio pós-industrial. O projeto, tem como objetivo a procura de uma solução mais sustentável e colaborativa, dando novos significados a elementos que outrora foram importantes para o desenvolvimento da cidade e que agora necessita de ser revitalizada. A regeneração urbana integrada (Mourão, 2019; Roberts e Sykes, 2000) torna-se um conceito chave para o projeto, juntamente com tecnopolíticas (Farias et al., 2021), ou seja, práticas colaborativas por via tecnológica para a revitalização urbana dum território.

Neste contexto, a cultura e as artes assumem um papel importante no desenvolvimento das cidades e nos diferentes grupos sociais que nelas se desenvolvem, através de diversos contextos e condicionantes.

¹ Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9160> (consultado em 18/11/2021)



Figura 4 | Estado atual de uma das ruas que pertence ao Parque Empresarial do Barreiro, da Baía do Tejo.



Figura 5 | Ruínas de um edifício demolido, após a desativação de uma das indústrias.

Segundo Pedro Costa (2000, p. 957) "*A forma como a produção e os consumos culturais se relacionam com o território tem vindo a ser crescentemente analisada e discutida no seio das várias ciências sociais, particularmente no âmbito dos debates acerca da cidade pós-industrial (...)*". No caso do Barreiro, essas transformações devem-se muito à sua localização geográfica e a certos acontecimentos que levaram a cidade à sua condição pós-industrial em que se encontra agora (Figuras 4 e 5).

"Este desenvolvimento e reforço da coesão territorial é concretizado com a criação de estruturas e espaços urbanos com forte qualidade física e funcional, mas também, com a regeneração urbana, que concilia o passado- com a preservação da herança histórica das antigas unidades fabris- com outras formas de intervenção territorial integrada (...)"

Pereira e Saraiva (2019, p 9).

Numa procura de uma solução sustentável e ecológica para o desenvolvimento urbano do Barreiro, foram consultados documentos guia como a Nova Agenda Urbana- Habitat III (UN, 2016), Guia sobre Desenvolvimento Sustentável e Cidades Sustentáveis 2020 (DGT, 2015), bem como realizados processos participativos junto da população para que o projeto arquitetónico se aproximasse das necessidades do território e daqueles que o usufruem. Assim, foi realizado, numa primeira fase, um inquérito online para recolher o máximo de opiniões dos barreirenses (ver Anexo B), que contribuiu, numa segunda fase, para a construção do Serious Game (Tan, 2017)- 'PLAY THE CITY - BARREIRO' (ver Anexo C).

Após todo este processo, foi possível definir o local de intervenção individual, tendo em conta a cultura e a memória fabril como fator de regeneração urbana e coesão territorial do Barreiro. Ao longo desta, foram incluídos outros conceitos chave através de várias leituras e casos de estudo, que ajudaram a compreender a necessidade da cultura e das artes num contexto de regeneração urbana em territórios fortemente marcados pelo declínio da indústria pesada.



"No início do séc. XXI, é imprescindível que as teorias de arte, a arquitetura e o urbanismo construam novos sistemas de pensamento, que interpretem que, por trás dos repertórios de formas, existem implicações sociais e éticas; que existem relações entre as formas e as ideologias; que cada posição formal remete a uma concepção do mundo, do tempo e do sujeito"

Montaner (2004, p. 89).

Para a intervenção projetual foi escolhida a antiga fábrica de rações Nutasa e os silos (Imagem 6), que surgiram na fase final da expansão do território da CUF - Companhia União Fabril, mas que hoje apesar de devolutos, ainda têm um forte impacto na paisagem barreirense.

"A reutilização de algum edificado para novos usos é válida por si só, mas que no caso de usos mais públicos, como os museus ou centros de arte, deve ser mais ambiciosa do que a simples recuperação arquitectónica. Esses edifícios podem funcionar como uma fénix que, tal como a lenda, renasce das cinzas passando a ser um símbolo da reabilitação, a cultura como imagem emblemática e prestigiante da "nova" cidade"

Carmichael (1996, p. 32).

O trabalho está estruturado em duas partes, que se refletem nos três capítulos seguintes. (1) estudo em contexto de grupo, que se debruça sobre o antigo complexo da CUF e atual Parque Empresarial do Barreiro, onde se procura uma solução mais sustentável a longo prazo recorrendo a processos participativos junto da população; (2) estudo de uma proposta individual, relacionada com os resultados dos processos participativos, usando a cultura e as artes como fator essencial para a regeneração urbana do lugar.

Figura 6 | Estado atual da antiga fábrica de rações- Nutasa.
(à esquerda)

CAPÍTULO 1

1.1 A COMPLEXIDADE DOS TERRITÓRIOS PÓS-INDUSTRIAIS

Nuno Portas (2007) no 'A cidade como Arquitectura', levanta questões relacionadas com o desenho da cidade em contrariedade com o desenho do (apenas) edifício. No meio das suas reflexões ensaístas revela dois termos, que se relevam essenciais, quer quando se tenta procurar um modelo universal de resposta a um problema tipo, quer quando se aborda a problemática da intervenção num espaço pós-industrial muitíssimo carregado histórico-culturalmente: **tendência sistémica**- procura de soluções funcionais que sejam universais sem ter em conta o carácter histórico-geográfico e a cultura; **tendência linguística**- procura de soluções simbólicas ligadas aos passado e memória do local como forma de dar uma continuidade no tempo na imagem urbana do sítio. De certa forma, é a partir destas tendências linguísticas que se agarram as visões para o desenho do futuro dum lugar a partir da cultura. A fábrica ainda está bastante presente na memória de quem habita um território que teve o seu apogeu industrial, quer seja pelas história contadas pela população mais envelhecida que viveu durante os tempos frenéticos da industrialização, quer seja, e principalmente, pelo vestígios edificadas e ruínas que esta deixou.

Mas, de que forma é que esses vestígios podem contribuir para uma visão futura da cidade em que se inserem?

Segundo Inês Moreira (2018), no seu artigo 'Estratégias divergentes para o pós-industrial' publicado no jornal Diário de Notícias, o caso dos Estaleiro Navais de Gdansk (Polónia) é um exemplo de intervenção. O redesenho da área industrial ligada às indústrias pesadas, mantém certos aspetos identitários do próprio lugar, com a contribuição e envolvimento própria comunidade.² A partir deste exemplo, compreende-se que o passado e a memória são indispensáveis para o sentimento de pertença, permitindo-lhes estarem mais envolvidos em futuros processos de regeneração urbana no seu território.

² Ex-operários foram envolvidos no projeto Subjective Bus Line, que consistia na sua participação em autocarros turísticos como contadores de histórias e memórias ligadas aos estaleiros e ao movimento Solidariedade (movimento sindicalista independente na União Soviética) (tem que colocar a referencia de onde tirou esta informação). Disponível em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/estrategias-divergentes-para-o-pos-industrial-9382531.html> (consultado em 6/11/2020).

A regeneração urbana parte de um processo de transformação de territórios em condições frágeis e em decadência, como o caso de cidades pós-industriais, sendo que este processo se pode fazer a vários níveis e através de diversos objetivos, que vai depender dos interesses dos próprios territórios.

“... the goal is to promote a “return to the city”, revitalise the city centre, restore activity in fiercely competitive international context, and implement initiatives to improve the quality of the environment operating in a wide sense towards a smart growth.”³

Guidelines For Urban Regeneration
In The Mediterranean Region (2004, p.7).

O processo de regeneração urbana pode conter várias dimensões na sua intervenção, sendo uma delas a cultura. Walter Benjamin (1935) considera a arquitetura como um papel relevante na caracterização da cultura das cidades. As estratégias de desenvolvimento cultural adquiriram um importante significado no desenvolvimento económico e social das cidades, quando as atividades culturais são consideradas como atrações urbanas (Richards e Wilson, 2004) e um fator significativo na forma como os indivíduos escolhem onde viver e trabalhar (Florida 2002). Contudo, como afirma Oliveira e Guerra (2016, p.120) a regeneração urbana *"também deve ser assumida como um catalisador que despoleta uma reutilização de espaços abandonados e/ou degradados e o desenvolvimento (...) artística local. É, então, necessário cruzar as estratégias culturais com as políticas urbanas, encarando as actividades culturais e criativas como fonte de competitividade e revitalização urbana e como promotoras de inclusão social. (...) A cultura é o mote para boa parte das intervenções em contexto urbano, sendo assumida como elemento decisivo de estruturação das formas de pensar e fazer a cidade, (...) estratégias de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço urbano"*. Os objetivos com que estes processos são sempre diferentes, dependendo da situação presente do território e sempre aprendendo com aspetos do passado.

3 Definição de regeneração urbana, segundo “Guidelines For Urban Regeneration In The Mediterranean Region”, por Priority Actions Programme, Regional Activity Centre, (Split, Janeiro 2004. Disponível em <https://iczmplatform.org/storage/documents/XCmLirwA3zfA07EMzts7c69qM-0WYcAsjJPY0Odb.pdf> (consultado 18/11/2021).

Mantendo o pensamento nas questões identitárias, é fundamental salientar a importância da memória coletiva da população dos próprios territórios, para potenciar novas dinâmicas socioculturais e económicas. A 'ruína', ou mesmo o edifício degradado, são a ponte entre o passado, presente e futuro, onde se poderão desenvolver novas atividades e possibilidades, a "*cultura pode actuar promovendo a recuperação física de edifícios e espaços públicos orientados para a instalação de projectos culturais e/ou comerciais, bem como a recomposição sociodemográfica, a dinamização económica e a renovação identitária e imagética dos espaços urbanos*" Oliveira e Guerra (2016, p.121).

Se por um lado, a memória e a identidade são fatores indispensáveis para a intervenção em lugares pós-industriais, por outro, também, se deve questionar até que ponto o passado deve contribuir para o desenvolvimento local, que faz parte do futuro, sem que este se imponha de tal forma que constituía um obstáculo, até por vezes por já não se identificar com as comunidades que estão inseridas nestes territórios. Nesta perspetiva, André Carmo (ver Anexo A) alerta "*Porque esses territórios digamos pós-industriais são profundamente marcados, há autores que falam de cicatrizes no território, que são também humanas. As cicatrizes não são só espaciais, são também do ponto de vista humano, económico, etc. Creio que esse é talvez o principal desafio, como é que isto se pode fazer sem que esses fatores constituam forças de bloqueio para o futuro, e esse é um aspeto importante.*"⁴ (ver Anexo A).

Assim, sabendo que desde sempre a cultura e as artes que fazem parte do tecido social do Barreiro, o projeto de intervenção, descrito neste estudo, resulta da reflexão sobre a complexidade de perspetivas de intervenção. A proposta de regeneração urbana baseada na cultura foca-se na grande e ampla paisagem pós-industrial- *brown-fields* (Queirós, 2004), com as suas ruínas e problemas ambientais.

4 Entrevista a André Carmo sobre a regeneração urbana assente na cultura e nas artes, referindo a marcas que a industrialização e desindustrialização podem trazer para o território (ver Anexo A).

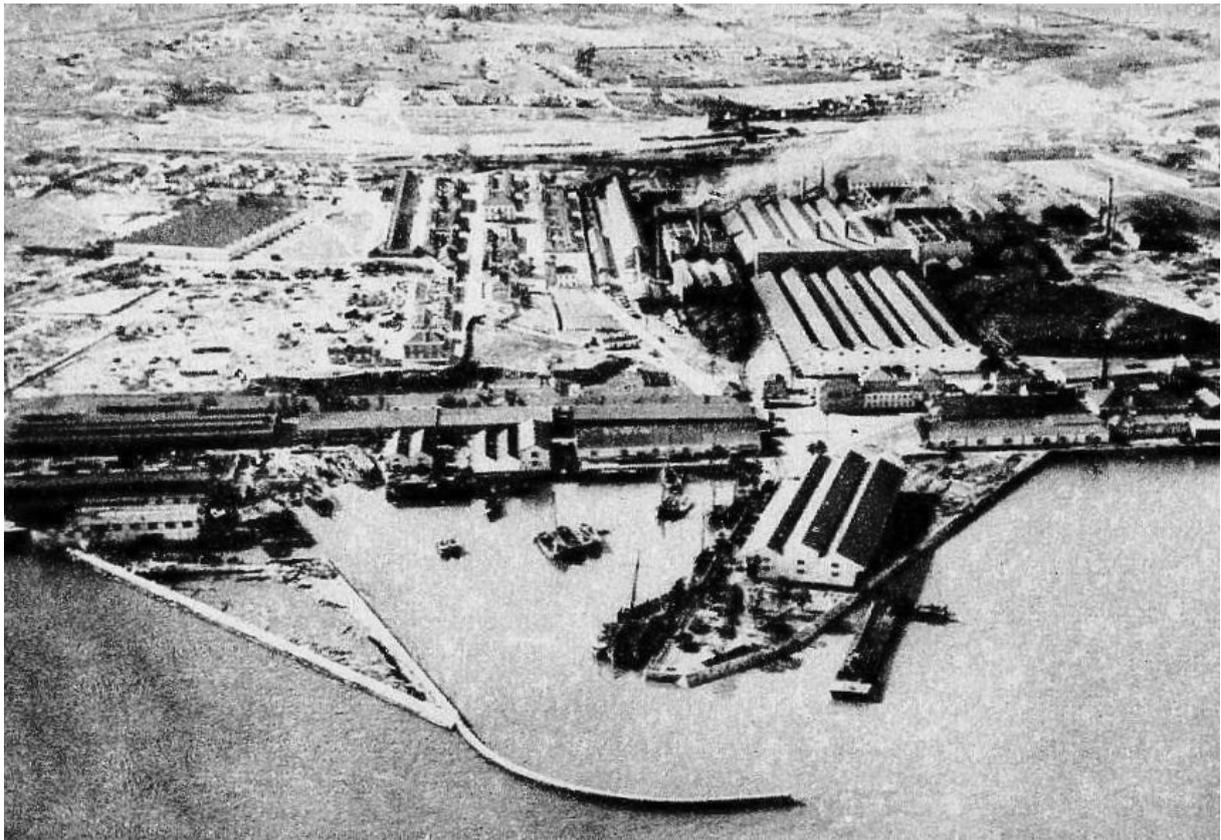


Figura 7 | Complexo Industrial da CUF em 1930, no Barreiro.
Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/cuf-companhia-uniao-fabril.html>



Figura 8 | Complexo industrial da CUF, no Barreiro.
Fonte: <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/2019/02/09/complexo-industrial-cuf-quimigal/>

1.2 O CASO DO BARREIRO

“O caso da CUF/Quimigal, no Barreiro, representa um processo de regeneração de um 'brownfield' ao nível local em que os procedimentos apenas se enquadram de uma forma limitada num modelo de desenvolvimento sustentável”

Queirós (2004, p. 1).

O Barreiro ficou conhecido como a primeira grande cidade industrial em Portugal e uma das mais importante na Península Ibérica. A sua localização privilegiada e estratégica permitia o acesso de vários pontos do país através de diversos meios (fluviais e ferroviários)⁵.

A Companhia União Fabril (CUF)⁶ começou a sua atividade logo no início do século XX, fundada por Alfredo da Silva⁷, que soube desenvolver as suas fábricas e indústrias até ao ponto de possuir um dos mais importantes complexos industriais da Europa.

A CUF (Figura 7 e 8) adquire a sua primeira propriedade no Barreiro em 1907, e a partir daí, com o crescimento exponencial da indústria europeia expandiu o seu território de complexos fabris. Logo no início da sua atividade no Barreiro, a companhia produz variadas matérias- sabões e derivados, ácidos, adubos, laminagem de chumbo, soda, têxteis, metalomecânica e construção naval - atraindo muita população ao território devido à grande oferta de trabalho. Associado ao complexo industrial, Alfredo da Silva construiu outros equipamentos, como escolas e espaços para as atividades das associações desportivas e culturais. Como fizeram muitas indústrias com o intuito de ter um maior controlo no quotidiano dos seus trabalhadores, que visava à produtividade das próprias indústrias. Estes “complementos” às fábricas ajudaram a criar uma forte ligação de comunidade e associativismo dentro dos trabalhadores da CUF, que ainda permanece nos dias de hoje no Barreiro, principalmente o que diz respeito à cultura e ao desporto.

⁵ Disponível em <https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/patrimonio-historico-cultural-e-equipamentos/patrimonio-industrial> (consultado 18/11/2021).

⁶ Disponível em <https://ensina.rtp.pt/artigo/cuf-barreiro-seculo-industria/> (consultado 18/11/2021)

⁷ Disponível em <https://alfredodasilva150anos.pt/sobre-alfredo-da-silva/> (consultado 18/11/2021)



Figura 9 | Plano geral Quimiparque, Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo.
Fonte: Baía do Tejo.

A partir de 1975, a CUF, é nacionalizada, e dois anos mais tarde passa a designar-se por Quimigal. No final da década de 1980, em linha com outras indústrias Europeias, é sujeita a um processo de desindustrialização, deixando fortes marcas no território do Barreiro e, em particular, onde o complexo se encontrava. Hoje, encontramos no lugar de um dos maiores sucessos do passado do Barreiro, uma paisagem expectante, enfraquecida e poluída. Atualmente, corresponde ao território do Parque Empresarial do Barreiro.

A partir de 2009 faz parte do projeto Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo que corresponde a um território que compreende seis municípios pertencentes à Área Metropolitana de Lisboa (AML)- Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete (Amador, 2011). O projeto geral Quimiparque (Figura 9) surge também associado à Terceira Travessia do Tejo (TTT), ligação rodoviária entre as duas margens do Tejo.

Contudo, em 2021, com a não execução do projeto, o espaço pós-industrial permanece com várias problemáticas que tornam o desafio da regeneração urbana complexo, podendo estas ser resumidas em três pontos principais: (1) grande dimensão da área do território; (2) separação com o resto do Barreiro causada pela linha ferroviária; (3) e contaminação dos solos pela indústria pesadas ao longo das décadas. Ainda assim, o lugar representa para os barreirenses a proximidade ao rio e ao património industrial. Bem como, a marca do seu sentido de comunidade e associativismo. Pontos de partida fortes para o estudo de uma solução de regeneração urbana com base cultural.

1.3 CULTURA COMO ELEMENTO DE REGENERAÇÃO URBANA

No auge económico do Barreiro, havia uma grande ligação de todos os aspetos da vida quotidiana da população, desde a vertente laboral até à educação e lazer, condições criadas sob a alçada da CUF. Após o declínio, a criação de zonas monofuncionais, com a desativação das fábricas e diminuição do emprego, obrigou a população a procurar outras formas de subsistência na outra margem do rio, contribuindo para movimentos pendulares da população entre a Margem Sul e Lisboa.

No Barreiro, foram vários os testemunhos que referiram que esta cidade já foi um dos pontos principais da cultura e da vida boémia da Grande Lisboa nos anos 90, que enfraqueceu bastante com o declínio industrial e crises económicas que surgiram ao longo dos anos seguintes. Na entrevista, André Carmo (2020) refere que "*(...) parece-me, quando comparo de memória com o que era o Barreiro, que há 20 anos atrás ou 15 existia uma vida noturna no Barreiro. Existia muita coisa acontecer e a produção cultural muito ligada à noite (uma parte significativa da produção cultural e musical), e portanto existiam bares por todo lado, concertos sempre a acontecer e tal. Eu creio que isso estava associado ao dinamismo económico, ali no final de 90's e início de 2000. Depois veio a cair essa capacidade económica e isso acentuou-se muito com as duas crises que nós tivemos(...)*" (ver Anexo A).

Com o objetivo de desenhar uma solução onde o foco é a cultura e as artes para uma regeneração urbana do espaço pós-industrial da CUF/Quimigal é importante pensar no passado do Barreiro, sempre ligado a associações corporativas que incluem as atividades culturais como parte do alimento do espírito dos trabalhadores⁸ (Carmo et al, 2019).

⁸ "*nasceu essencialmente com a cultura ferroviária e depois a indústria corticeira, que cria uma cultura muito operária, que tem a ver com a época, com as ideias socialistas, as ideias ligadas ao Antero de Quental, às Conferências do Casino. (...) E essas pessoas têm (...) a fábrica, mas depois querem alimento espiritual... então, isso dá origem ao nascimento das filarmónicas, dá origem ao movimento associativo, à cultura do Esperanto, o movimento anarquista, por aí fora.*" Entrevista a jornalista para o artigo: Carmo, A., Matos, F., Pereira, S. (2019). Regeneração urbana através da cultura e das artes: o caso do Barreiro. Forum Sociológico. <https://journals.openedition.org/sociologico/8670>.

“No novo contexto, a cultura redefine-se na sua capacidade de incluir tudo aquilo que tenha que ver com o consumo da cidade: museus, comida, música, espetáculos, centros comerciais, a atmosfera nas ruas, tudo contribui para o negócio da cultura (...).”⁹

Balibrea (2003, p. 33).

No sentido das palavras de Balibrea (2003), a regeneração urbana através da cultura é uma forma de conseguir corresponder ao objetivo de intervenção num território com um património histórico como o Barreiro. Na cidade, as associações são os grandes criadores de eventos e dinâmicas culturais e atraem visitantes externos à cidade, incentivadas por novas reutilizações de espaços que estejam ligados à história do território. Tendo como ponto de partida as associações, pretende-se intervir de forma a permitir que memória coletiva da comunidade possa ser o fio condutor do passado, presente e futuro, não só da cidade como da própria cultura em si. Com a construção de novos espaços para atividades culturais são criados novos significados, e desvalorizados os símbolos que já são inerentes à comunidade barreirense, daí a importância do uso de espaços que já fazem parte da sua cultura, para além de ser uma solução mais sustentável e economicamente favorável, contrariando o seu abandono e desuso. Isto também atrai a própria população a participar e a contribuir para a criação dessas novas dinâmicas, e daí a sua participação no processo que fará mais sentido para o desenvolvimento do projeto.

Na matéria dos processos participativos no ambiente da cultura e das artes, são as comunidades que vão contribuir essencialmente para a produção de novas dinâmicas e interesses, criando assim um maior desenvolvimento e sucesso nestes aspetos. Como referido anteriormente, o associativismo desportivo e cultural sempre fez parte da vitalidade urbana no Barreiro, havendo diversas iniciativas dentro destes contextos. O envolvimento das pessoas nestes projetos e atividades criam, de forma inevitável, uma memória e experiências comuns partilhadas pelo que estão diretamente envolvidos, mas também pelos outros que ouvem falar destes pequenos acontecimentos, construindo assim algo que é comum a todos e que dá alguma característica ao lugar. Estas ações também desenvolvem e crescem o sentido de pertença em relação com o lugar.

⁹ Disponível em <https://journals.openedition.org/rccs/1110> (consultada em 22/01/2021)

CAPÍTULO 2

2.1. CASOS DE ESTUDO

Como parte da investigação acerca do tema deste projeto, foram observados diversos casos de estudo que pudessem ajudar a compreender como a cultura pode ser o principal catalisador dos processos de regeneração urbana. Destacam-se quatro, por corresponderem a diversos pontos de vista e escalas- à escala metropolitana, à escala do quarteirão e à escala do edifício.

2.1.1. REGENERAÇÃO URBANA DE BARCELONA (1976- 2021), ESPANHA.

O caso de Barcelona é um exemplo de sucesso de transformação da cidade através de processos de regeneração urbana, usando a cultura como fator principal (Muxi, 2010). Tal como o Barreiro, Barcelona encontrava-se num estado de decadência provocada pela queda económica industrial, perdendo parte da sua população que se deslocou para outras cidades.

O processo de regeneração de Barcelona foi desenvolvido por vários planos/programas, sendo iniciado com o Plano Geral Metropolitano em 1976 (Figura 10), aprovado entre a transição do regime ditatorial para a democracia, e que propunha uma nova organização no planeamento urbano e a requalificação de diversos espaços para utilização pública. Um dos principais objetivos foi criar novos espaços centrais e recuperar espaços com importância histórica e identitários da cidade, ou seja, de certa forma manter a sua identidade industrial.



Figura 11 | Vila Olímpica de Barcelona, Espanha.
 Fonte: <https://www.palco23.com/entorno/barcelona-92-976-millones-en-instalaciones-deportivas-que-hoy-perduran>



Figura 12 | Eixample 2030, último projeto de regeneração urbana para Barcelona.
 Fonte: https://ajuntament.barcelona.cat/superilles/sites/default/files/Places_jardinilla_1.pdf

Todavia, a realização dos Jogos Olímpicos de 1992 (Figura 11) foi um dos fatores que mais contribuiu para as modificações de Barcelona, incentivou a remodelação urbana na costa e alteração da sua relação com o mar. Apesar do impacto positivo é preciso ter em atenção como alerta Muxi (2010, p. 122) " (...) *as estratégias para os Jogos Olímpicos tiveram de positivo o reequilíbrio territorial através de infraestrutura e equipamentos, tais como a infraestrutura das avenidas perimetrais, dos deságües e dos equipamentos esportivos, que foram feitos em toda a cidade, ainda que tenha faltado investimento em transporte público e em habitação social. Como efeitos negativos que marcam a linha de atuação do futuro, observa-se a privatização do espaço público, a destruição de bens industriais e pouca construção de habitação social*".

O último projeto de regeneração urbana " Eixample 2030" (Figura 12) (Catulo, 2021) representa a resposta ecológica do município¹⁰ aos problemas crónicos das cidades, num dos planos mais marcantes de Barcelona, o Plano Cerdá " *reduzir, no total, 40% da circulação dos carros até à próxima década " através "reconversão do espaço rodoviário em "eixos verdes" a serem projetados em todos os cruzamentos das 21 artérias (...) Os residentes são (...) o ponto de partida para definir tudo o resto com as árvores a assumirem um papel preponderante na criação de lugares de encontro e de espaços para atividades de bairro. Os pisos térreos serão aproveitados para o comércio local e, dos prédios, irão sair "tapetes verdes" que se estendem até à rua, onde as lojas, os restaurantes e as esplanadas abrem caminho à circulação pedonal*".

Todos os projetos tiveram como um dos grandes objetivos impulsionar economicamente a cidade de Barcelona, promovendo-a através de políticas públicas participativas associadas à cultura.

¹⁰ Disponível em <https://www.barcelona.cat/metropolis/en/contents/the-eixample-process> (consultado 19/11/29021).



2.1.2. SESC POMPEIA (1986), LINA BO BARDI, SÃO PAULO, BRASIL.

"Comer, senta, falar, andar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol (...). a arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos. A cultura como convívio, livre-escolha, como liberdade de encontros e reuniões. Gente de todas as idades, velhos, crianças, se dando bem. Todos juntos. Retiramos as paredes intermediárias para liberar grandes espaços poéticos para a comunidade. Colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira. Quanto menos cacareco, melhor. Nosso esforço foi dignificar a posição humana"

Lina Bo Bardi (SESC Pompeia¹¹, 2016, p.14)

SESC Pompeia¹² (Figura 13) é um projeto de referência na arquitetura brasileira, situado num bairro industrial em São Paulo. Os armazéns utilizados, hoje, para a cultura e convívio, pertenciam a uma fábrica de armazenamento de tambores¹³. A industrialização no bairro da Pompéia deu origem a uma comunidade multicultural de trabalhadores, vindos de várias regiões e da Europa. O SESC (Serviço Social do Comércio) adquiriu este terreno em 1971 e começou logo a funcionar como centro cultural e desportivo, mas em condições muito precárias. A ideia inicial para o projeto era demolir a pré-existência da fábrica e voltar a construir um novo centro de lazer. No entanto, a arquiteta Lina Bo Bardi foi escolhida para a intervenção e após uma visita à antiga fábrica, optou por manter o edifício pré-existente como memória colectiva, fabril e urbana do Bairro da Pompéia (Figura 14). Com o refere autora *"Ninguém transformou nada, encontramos uma fábrica com uma estrutura belíssima, arquitectonicamente importante original"*¹⁴.

11 Disponível em https://issuu.com/seccsp/docs/folhetohistorico_port/14 (consultado em 19/11/2021).

12 Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi> (consultado em 19/11/2021)

13 Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/922137/tijolo-por-tijolo-conheca-a-historia-por-tras-do-sesc-pompeia-de-lina-bo-bardi> (consultado em 19/11/2021)

14 Disponível em <https://teoriacritica13ufu.wordpress.com/2010/12/17/sesc-pompeia/> (consultado em 19/11/2021)



Figura 14 | SESC Pompéia e sua envolvente.
 Fonte: <http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/>

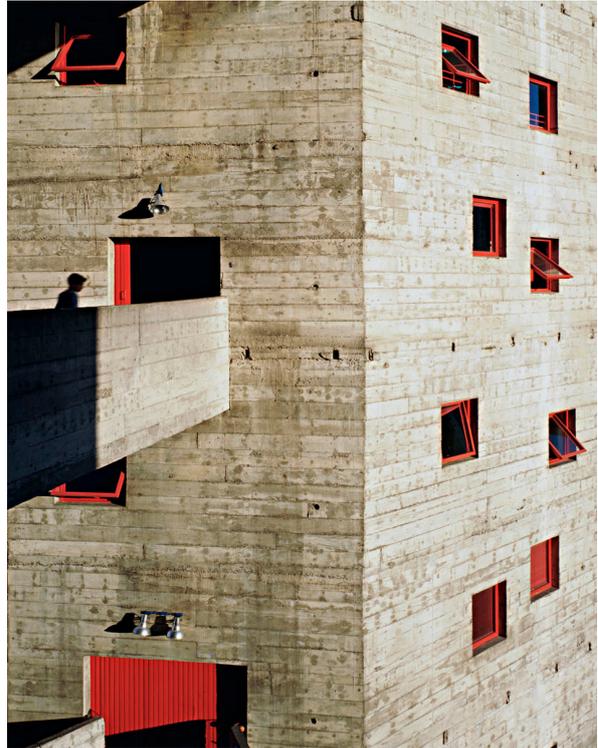
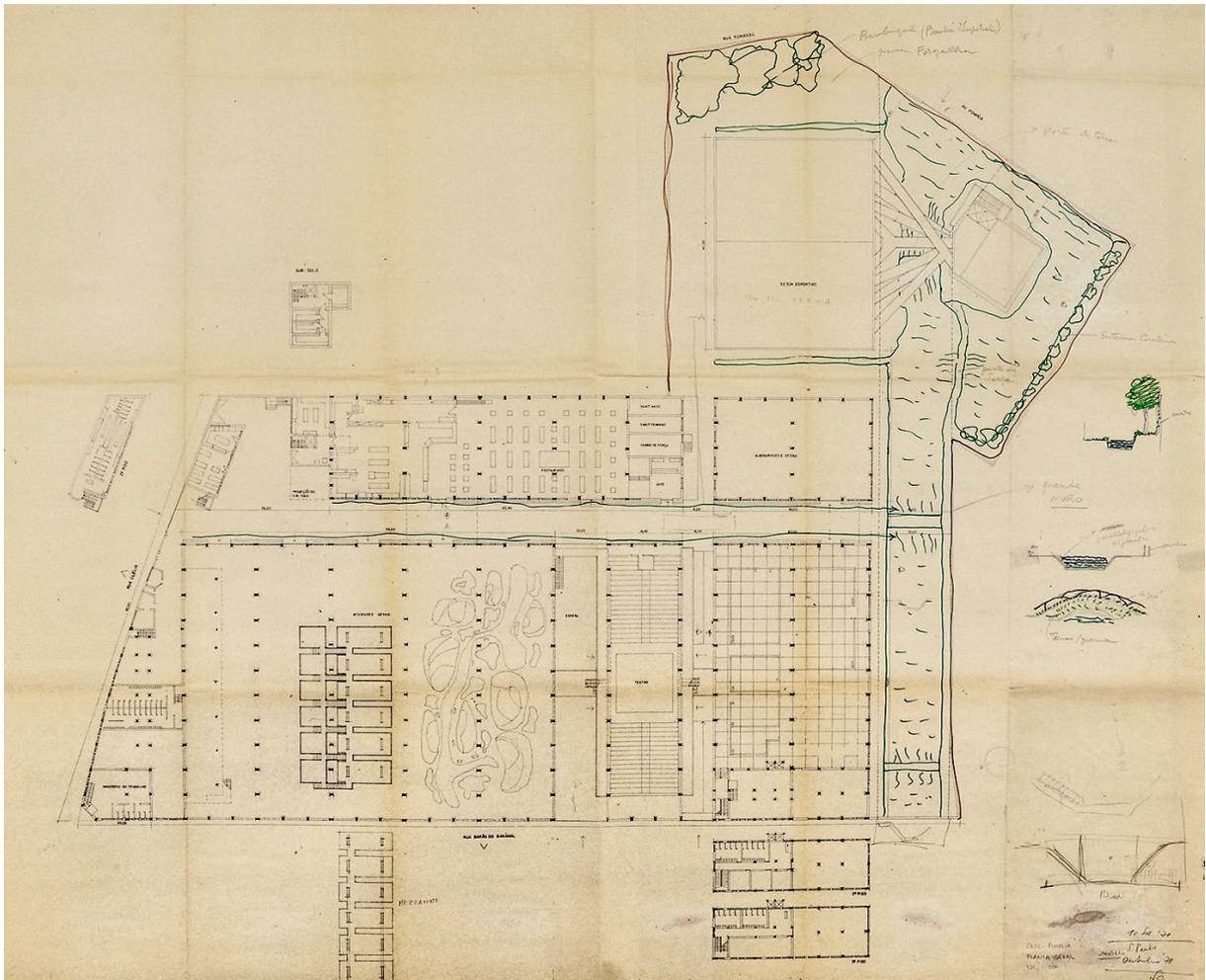


Figura 15 | Volume em betão construído.
 Fonte: <http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/>



Bo Bardi usou a arquitetura original, que representava a industrialização europeia e memória da fábrica, para a criação de várias oficinas e espaços de convívio de forma a aproximar a população com a produção cultural, opondo-se ao aspeto museológico e ao centro cultural elitista. Foi realizado um restauro dos espaços da antiga fábrica e a construção de novos blocos para albergar mais programa que correspondem aos ginásios, campos, piscina e à caixa de água, empilhando estas funções.

Os edifícios construídos têm o propósito de contrastar com o edifícios da fabricafábrica, para dar um novo contexto aos espaços para a prática desportiva como um exercício de lazer, mantendo, ainda assim, um carácter industrial através da utilização do betão (Figura 15).



Figura 17 | Oliva Bazar, iniciativa que promove projetos portugueses.
Fonte: <https://labor.pt/home/2019/07/11/oliva-bazar-voltou-a-promover-projetos-portugueses/>

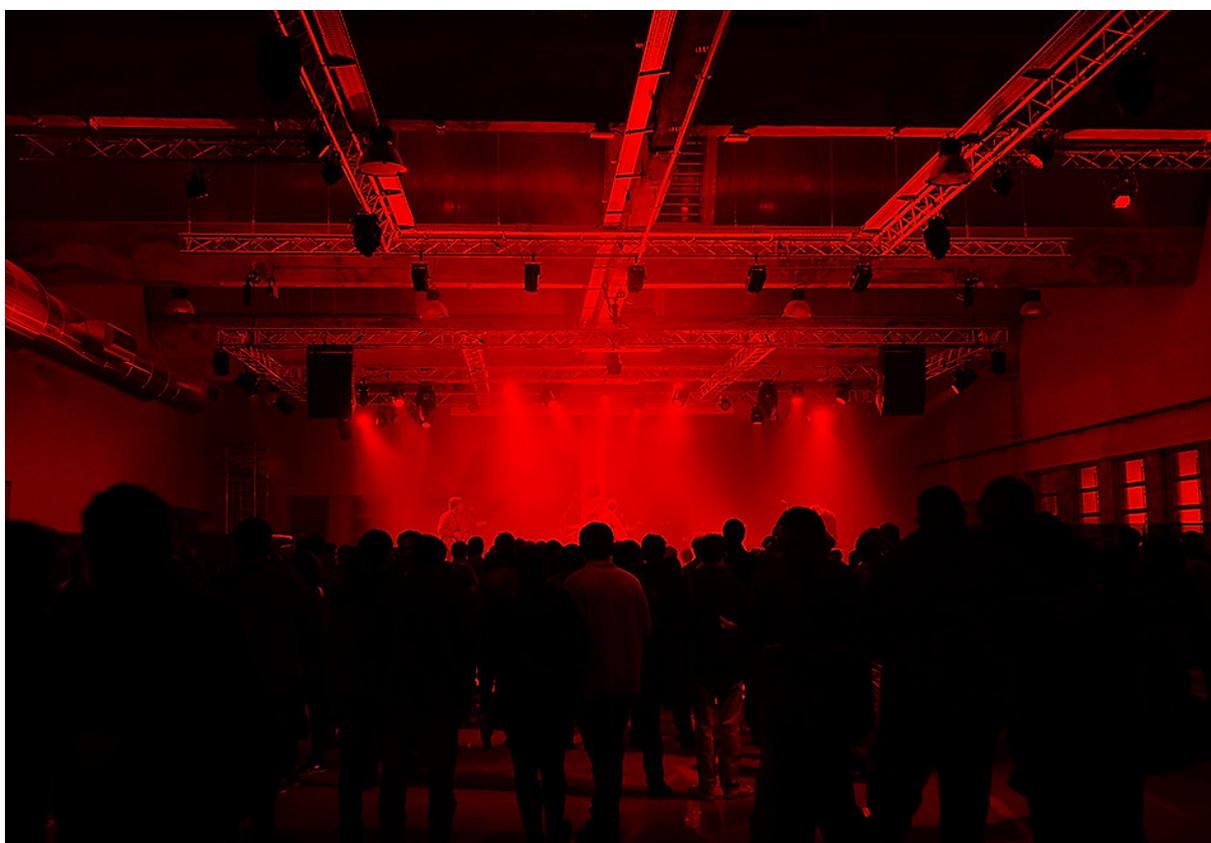


Figura 18 | Concerto nas instalações da Oliva Creative Factory.
Fonte: <https://www.olivacreativefactory.com/post/reveillon-2019-2020>

2.1.3. OLIVA CRIATIVE FACTORY (2013), SÃO JOÃO DA MADEIRA, PORTUGAL.

A antiga fábrica de ferro foi fundada por António José Pinto de Oliveira em 1925¹⁵, e chegou a uma das principais fábricas do país.

Nesta fábrica eram produzidos vários produtos metalúrgicos como alfaia agrícolas, forjas portáteis, equipamento para a indústria da chapelaria, tubos para canalizações, fogões em ferro fundido, ferros de engomar, máquinas de costura, entre muitos outros, sendo este último um dos motivos pela fábrica se tornar conhecida até mesmo fora do país.

A empresa foi à falência em 2010 e os espaços principais da fábrica foram comprados pela Camara Municipal de S. João da Madeira¹⁶, devido ao seu valor histórica e simbólico para a cidade.

O complexo de 90 mil metros quadrados foi reconvertido num centro cultural e é constituído por vários espaços: posto de turismo, museu, oficinas criativas, business center, espaços de co-work, espaços de comércio, residências artísticas, auditório, conservatório de dança, e centro de arte.

O objetivo do município foi criar um espaço de liberdade artística ao mesmo tempo que incentivar as pessoas a criar as suas próprias empresas relacionadas com a cultura e outras áreas, tendo mesmo sido dado o nome de incubadoras de indústrias criativas.

¹⁵ Disponível em <https://www.olivacreativefactory.com/oliva>

¹⁶ Disponível em <https://www.publico.pt/2013/07/22/p3/noticia/oliva-creative-factory-acolhe-onze-empresas-criativas-1817669>



2.1.4. NORTH WHARF PROMENADE (2011), TCL + WA LAND. ARCH., AUCKLAND, NOVA ZELÂNDIA.

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos.

Harvey (2008, p. 74)

O texto de David Harvey (2008) serve de introdução ao projeto de frente rio de Auckland- Waterfront (2011) North Wharf Promenade, porque reflete o tipo de cidade que queremos. Tal como a zona da CUF, caracterizava-se pela sua atividade portuária e pela sua zona industrial¹⁷. Neste projeto de regeneração da zona pós-industrial, os arquitetos Taylor Cullity Lethlean (TCL) e Wraight + Associates (WA Landscape Architecture) deram prioridade ao espaço público, sendo criadas diversas atividades e dinâmicas de forma a tirar sempre o melhor partido da relação com o rio (Figura 19).

¹⁷ Disponível em <https://urbannext.net/north-wharf-promenade/>

Figura 19 | Fotografias dos silos com projeção na fachada (à esquerda).
Fonte: <https://landscapearchitecturemagazine.org/tag/north-wharf-promenade-and-silo-park/>

Nos espaços criados, é possível passear, praticar esporte, e até mesmo fazer algumas atividades culturais, no entanto, ainda mantém alguma atividade industrial (Figura 21). Ao manter um certo funcionamento portuário é mantida também a memória da grande atividade industrial do passado, sendo agora interligada com as novas dinâmicas que foram criadas para aproveitamento por parte dos seus habitantes e visitantes, onde os elementos que pertenceram à indústria e a sua materialidade são preservados como os silos, contentores e estruturas metálicas. O projeto criou experiências no espaço público em torno dos edifícios pós-industriais "como encontradas".

Jellicoe Harbour e Silo Park demonstram que o desenho e utilização do espaço público abraçam e interpretam a narrativa de lugar na criação de uma experiência contemporânea e autêntica de comum urbano (Harvey, 2008; Stavrides, 2021).



Figura 20 | Desporto aquático nas pargens da promenade.
Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>



Figura 21 | Espaços de estar na zona portuária.
Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>

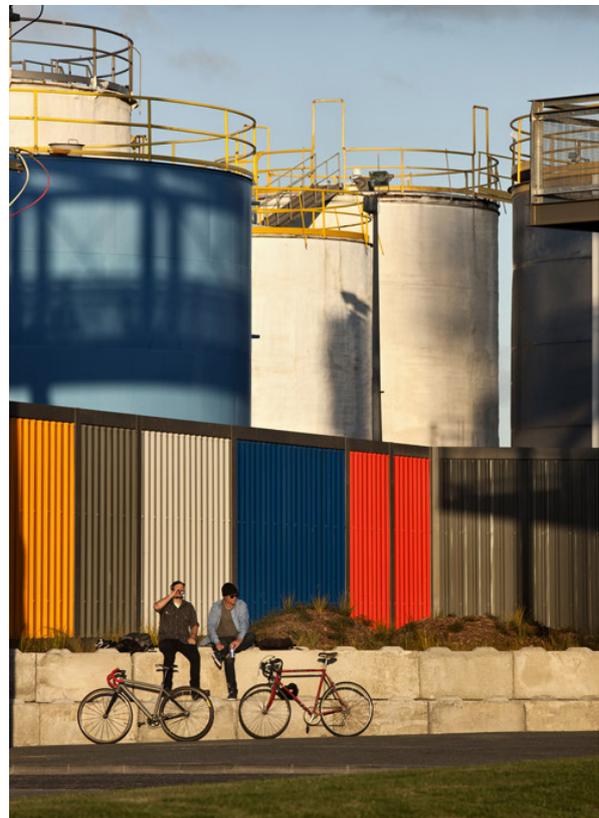


Figura 22 | Paisagem industrial no espaço social.
Fonte: <https://landezine.com/north-wharf-promenade-by-taylor-cullity-lethlean/>

2.2 PLAY THE CITY - BARREIRO

A partir da questão do envolvimento da população no desenvolvimento do futuro da própria cidade, foram levantadas diversas questões sobre a forma como deveríamos abordar a população para realizar um processo participativo junto da comunidade do Barreiro. Como já foi mencionado anteriormente, este tipo de processos são bastantes necessários quando se intervém em territórios fragilizados como o Barreiro, de forma a entender as principais necessidades do lugar e daqueles que o habitam, requerendo muita sensibilidade na sua abordagem. *"... quando se trata de desenvolvimento dos processos participativos, importa que eles não sejam cosméticos, que não sejam nas fases finais só para dar ali pormenor de democraticidade e participação para legitimar estes processos. Importa que as comunidades, as pessoas e as associações, o tecido social das comunidades diretamente ou até em alguns casos até indiretamente afetadas por esses processos, que tenham uma palavra a dizer desde a fase inicial e não só nas fases finais"*¹⁸ (Carmo, 2020).

Como foi lido e dito nos vários discursos de diversos autores acerca do tema estudado, torna-se vital, cada vez mais, envolver a população no futuro das suas cidades. Para criar este envolvimento por parte da população na prática do trabalho desenvolvido em grupo para o vazio da CUF/Quimigal, foi ensaiada uma metodologia com base num jogo para que o processo participativo fosse mais dinâmico, assim como mais assertivo e direto acerca do que as pessoas, neste caso os jogadores (barreirenses), procuram para o seu território, mais precisamente na área do Parque Industrial da Baía do Tejo.

Como referido por Paio¹⁹ (Jornal Económico, 2021) *"A democratização do conhecimento qualifica a prática urbana, permitindo uma atuação contínua no processo coletivo de autoaprendizagem e consciência informada. A implantação de métodos de planeamento, desenvolvimento, desenho e construção urbana abertos e colaborativos possibilitam uma troca de informação, capacitação e negociação para a tomada de decisões e implementação coletiva."*

¹⁸ Entrevista a André Carmo sobre a regeneração urbana assente na cultura e nas artes, salientando algumas questões a ter em conta, a nível de preocupações na abordagem à população, e a nível dos processos participativos feitos na mesma (Anexo A)

¹⁹ Disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/precisamos-de-si-vamos-a-jogo-751657> (consultado 10/11/2021)



Figura 23 | Projeto People Power Planning Newark em ação.
Fonte: The Form of Form, Lisbon Architecture Triennale, 2016, p. 124-125

O projeto People Power Planning Newark (2012-2015) (Figura 23) é um exemplo do esforço de colaboração envolvendo trabalho voluntário de estudantes, residentes e trabalhadores de Newark construir em colaboração soluções de planeamento e desenvolvimento baseado na comunidade de Newark.

A gamificação na participação cívica tem sido o "*laboratório perfeito para explorar a aprendizagem e testagem de múltiplos cenários urbanos*" (Paio, 2021). A arquiteta Ekim Tan é um exemplo do conceito de city gaming²⁰, um método para a "*implementação específica de jogos sérios nas questões de desenvolvimento da cidade*". O seu livro 'Play The City' (2017, p. 9) surge como resposta à necessidade de criar "*um método válido para transformar o planeamento urbano num processo inclusivo e auto-organizador que gera cidades humanas*". Os primeiros passos foram dados por Juval Portugali²¹ como uma forma de olharmos para as cidades como organismos que se organizam por si só, surgindo a criação de um novo método de desenho urbano com a participação de atores diretamente envolvidos no território, quase como um manual de DIY- Do It Yourself para o desenvolvimento das cidades.

Com base nas regras expostas no livro 'Play The City' (2017) foram definidos alguns objetivos a serem cumpridos para a elaboração do jogo PLAY THE CITY- BARREIRO (Figura 24) como: (1) objetivos do jogo; (2) elementos do jogo; e (3) regras do jogo. O objetivo é que os habitantes do Barreiro, como jogadores, possam partilhar as suas visões para o território CUF/Quimigal, tendo em conta os três temas específicos do grupo de trabalho: Cultura, Urbanismo Ecológico e Economia Circular. Introduzidos os conceitos aos jogadores, são incentivados a assumir o papel dos atores locais chave do território: Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Baía do Tejo, e associações/ pessoas de grande influência- que acabaria por obrigar os jogadores a pensar numa perspetiva para além da qual já possuem, tornando o resultado do jogo mais próximo do desenvolvimento futuro da sua cidade. Ao assumir as personas, são obrigados a comunicar e a negociar não deixando de parte os seus objetivos e intenções para a cidade.

²⁰ Tradução livre do texto "that refers to the specific implementation of serious games to city development questions." Excerto retirado da biografia do site <https://www.playthecity.eu/about-us> (consultado em 20/11/2021)

²¹ Disponível em <https://sites.google.com/fcsh.unl.pt/tg-plancom-18th-meeting/p%C3%A1gina-inicial/programme/juval-portugali> (consultado em 20/11/2021)

Figura 24 | Realização do jogo PLAY THE CITY- BARREIRO (à direita).





Figura 25 | Tabuleiro do jogo Play The City- Barreiro.



Figura 26 | Exemplo de Carta "Play The City- Barreiro". Nestas cartas também é possível ver quais são as peças que irão ser dadas para realizar as jogadas (ver Anexo C).



Figura 27 | Exemplo de Carta de Ator Local, e respetiva Carta de Ação (para todas as cartas ver o Anexo C).

Assim, o jogo é constituído pelos seguintes elementos:

TABULEIRO (Figura 25)- Representa o território a ser explorado durante a atividade e a sua envolvente e a sua envolvente, onde se indicam os principais pontos e referencia daquela área do Barreiro, incluindo as vias de transportes públicos.

CARTAS “PLAY THE CITY - BARREIRO” (Figura 26) - São cartas explicativas que ilustram como os temas do jogo podem se interligar e beneficiar- Cultura, Urbanismo Ecológico e Economia Circular- assim como exemplos inovadores que já foram realizados na realidade.

CARTAS DE ATORES LOCAIS + CARTAS DE AÇÃO (Figura 27)- Estas cartas correspondem a “personagens” reais - Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Baía do Tejo, OU.TRA, Augusto Sousa, Mula e Cidadão Ativo- que os jogadores terão de representar para participarem no jogo, e cumprir as respetivas cartas de ação. Sendo assim, por sorteio, cada jogador recebe uma carta que representa um ator local do Barreiro e tem de cumprir ao máximo as ações mencionadas na respetiva carta de ação, tendo em conta os objetivos desse mesmo ator local, permitindo que os jogadores tenham alguma empatia e entendam melhor os atores local que intervêm no Barreiro na realidade. É importante referir que em na maioria das ações a serem realizadas há uma indicação de que a ação deve ser negociada com outro(s) ator(es) local(is), permitindo chegar a um diálogo sobre o que é mais benéfico para o território representado no tabuleiro.

PEÇAS DO JOGO (Figura 26)- Representação vários tipos de edifícios, espaços e atividades que os jogadores podem colocar no tabuleiro, sempre relacionados com os três temas abordados.

No geral, foi pensado como as peças em jogo poderiam completar e beneficiar a cidade existente e a sua população, também criando novos espaços de aproveitamento cultural, lazer e convívio.

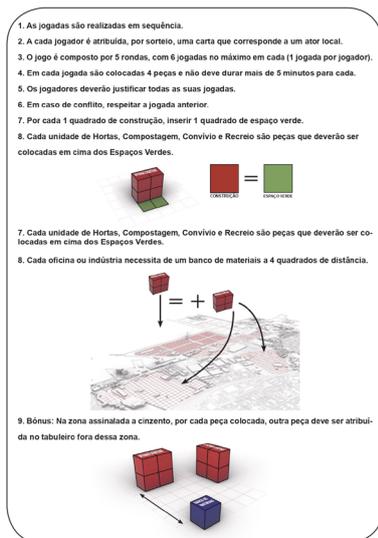


Figura 28 | Cartas com as regras a serem cumpridas pelos jogadores.

No entanto, para além destes elementos são dadas aos jogadores regras que terão de cumprir para preencher o tabuleiro com as peças e para incentivar o diálogo entre todos os envolvidos.

Regras do Jogo (Figura 28):

1. As jogadas são realizadas em sequência.
2. A cada jogador é atribuída, por sorteio, uma carta que corresponde a um ator local.
3. O jogo é composto por 5 rondas, com 7 jogadas no máximo em cada- 1 jogada por jogador em cada ronda.
4. Em cada jogada são colocadas 4 peças e não deve durar mais de 5 minutos para cada.
5. Em caso de conflito, respeitar a jogada anterior (daí ser importante que todos os jogadores comuniquem e expressem o seu parecer durante as jogadas).
6. Por cada 1 quadrado de construção, inserir 1 quadrado de espaço verde (necessidade de cumprir certos objetivos expostos nos ODS para uma cidade sustentável).
7. Cada unidade de Hortas, Compostagem, Convívio e Recreio são peças que deverão ser colocadas em cima das peças dos Espaços Verdes.
8. Bónus: Na zona assinalada (à qual chamamos de área de bonificação), por cada peça colocada, outra peça deve ser atribuída fora dessa zona (esta regra foi criada para incentivar os jogadores a explorarem esta zona, pois em zonas de testes foi notado que, caso não houvesse esta regra, toda esta zona seria negligenciada).
9. Cada oficina criativa ou indústria necessita de um banco de materiais a 4 quadrados de distância (regra criada com o intuito de pensar e promover a sustentabilidade e redução do desperdício através da economia circular).

Após vários testes, o jogo foi realizado com 6 habitantes da cidade do Barreiro com conhecimentos dos vários problemas deste território. A sua realização teve lugar numa associação local, a Sociedade Democrática União Barreirense - Os Franceses. a atividade foi gravada e observada pelo grupo. Como moderadores, foram necessárias algumas intervenções para que as regras fossem cumpridas ao máximo e para incentivar o diálogo entre todos os jogadores, que se mostraram bastante interessados e participativos durante todo o processo que durou um pouco mais de duas horas.

Após o fim do jogo, e mesmo durante a sua realização, foram analisadas as ações dos jogadores e a sua distribuição das peças no tabuleiro, que acabou por reforçar algumas intenções para o território que já tinham sido pensadas numa fase inicial do trabalho de grupo, aquando da análise do território.

Os resultados da discussão colaborativa (Figura 29), demonstraram a pertinência de devolver toda a zona do Parque Empresarial da Baía do Tejo à população, articulando o património histórico existente com mantendo com novas funções criadas. O representante da Junta de Freguesia, juntamente com o representante da Câmara Municipal, decide “criar todo um corredor de ciclovia e depois fazer a ligação com o resto da cidade” na frente com o rio. Também se notou a intenção de criar grandes zonas verdes e vias que possam ser lugares de descanso e de aproveitamento por parte da população que ligassem o território à parte da cidade já consolidada, de forma a haver uma continuidade até à frente ribeirinha que neste momento se encontra interdita. Segundo o jogador Cidadão Ativo “devia haver um espaço verde ao longo disto tudo”, referindo-se ao aterro perto do rio. O aproveitamento desta frente rio foi tido como um objetivo importante, tendo sido colocadas várias peças relacionadas com a vida noturna e restauração, também por estarem longe da habitação, e ligadas com outras atividades culturais propostas como espaços de exposição, oficinas criativas, biblioteca e espaços educacionais, juntamente com espaços de comércio e serviços. Já na área perto do Barreiro velho foram colocadas peças como a Creche, Universidade Sénior, Área Desportiva, Clínica, Centro e Cozinha Comunitárias e Empresas Co-Work (o jogador neste caso salientou esta peça como empresas limpas e sustentáveis), como apoio a esta parte da cidade que envolve esta área vazia. Assim, o jogador da Baía do Tejo referiu que criaria uma “indústria 4.0 que, tem de ficar perto do co-work”, onde também que “é muito importante ter zonas onde as pessoas possam descarregar”, referindo-se aos espaços desportivos e ter espaços “para deixar os miúdos” como a creche perto dos locais de trabalho.



CARTA DE AÇÃO

Centro de Eventos

Esportes Esportivos

2.3. REFLEXÃO DAS METODOLOGIAS ESTUDADAS

As análises e atividades descritas neste capítulo, foram essenciais para compreender o papel da regeneração urbana na cidade, a diferentes escalas, e segundo o ponto de vista da cultura. Os casos bem sucedidos permitem compreender as boas práticas e com os outros os erros. São vários os exemplos com base em processos especulativos de desenvolvimento que se revelam desadequados aos desafios de sustentabilidade do século XXI (ODS, 2015).

A primeira lição que poderemos retirar dos casos de estudo, assim como dos vários autores referidos, é a importância do passado para a construção e desenvolvimento do futuro das cidades.

A segunda lição é que a democracia participativa é fundamental para o desenho da cidade do futuro, como refere Ascher (2012, p.128-129) "*a 'participação' dos habitantes, dos usuários da cidade e dos atores da sociedade civil na concepção das decisões locais, e mesmo na sua realização, é uma necessidade para adaptar a democracia representativa às exigências da sociedade contemporânea. Mas não é uma alternativa. É um seu complemento*". É aqui que entra o papel dos processos participativos, como forma de diálogo entre a população e aqueles que têm os meios para desenhar e construir cidade. No projeto de grupo para o território CUF/Quimigal, o processo foi realizado através da elaboração de um jogo PLAY THE CITY - BARREIRO, de forma a conseguir um diálogo mais descontraído entre os jogadores e uma forma de pensamento comum.

Neste sentido, a prosperidade deve refletir duas coisas: um projeto de cidade sustentável e a criação de um conjunto de objetivos a serem seguidos durante o projeto de intervenção. A construção de cidade, deve ser feita tanto por aqueles que estão em papéis de influência e poder, mas também por aqueles que realmente habitam a cidade e constroem com ela o seu quotidiano e suas vivências.

Figura 29 | Resultado do jogo 'PLAY THE CITY - BARREIRO', realizado n'Os Franceses (à esquerda).

CAPÍTULO 3



Figura 30 | Plano de Urbanização para o território da Quimiparque e área envolvente (2010), onde assinala a TTT, dos RISCO. Fonte: RISCO.

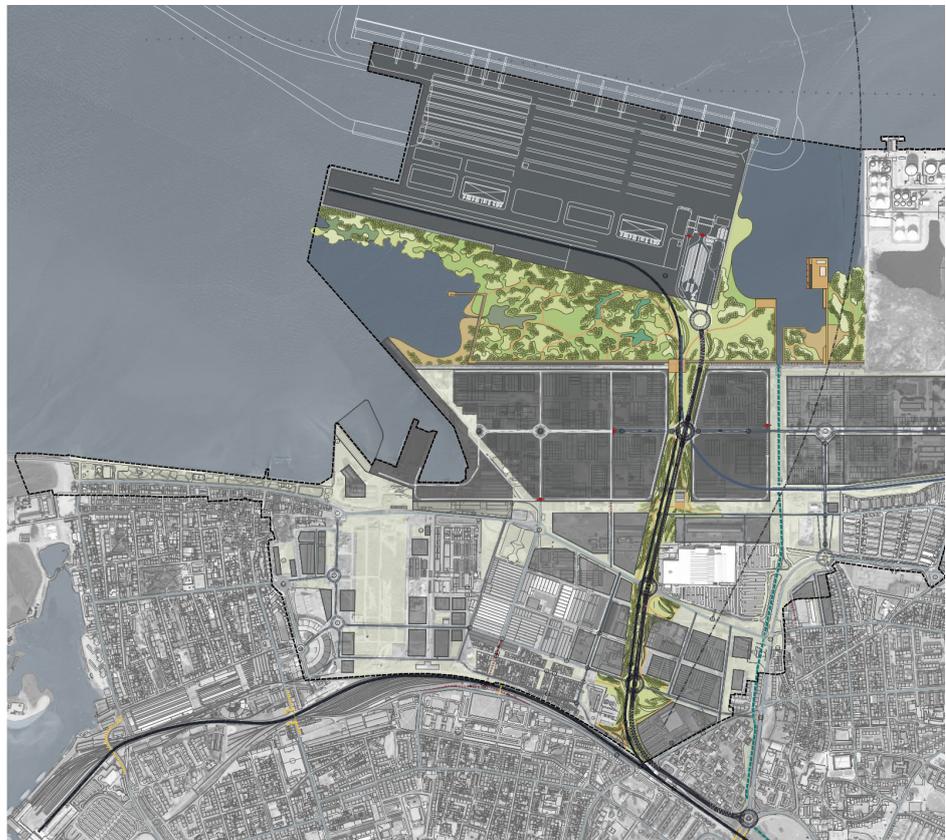


Figura 31 | Projeto da Plataforma Multimodal do Porto de Lisboa (2020), dos RISCO, com o eixo da TTT a tracejado. Fonte: RISCO.

Este capítulo descreve as propostas de projeto final de arquitetura para o território CUF/Quimigal. A primeira proposta, num contexto de grande escala parte dum longo processo (em grupo) de compreensão das necessidades dos habitantes do Barreiro e entender os seus incentivos para criarem um estilo de vida mais sustentável e apelativo dentro da sua cidade. Reduzindo a escala de intervenção, parte-se para uma proposta (individual) numa área privilegiada da cidade que se encontra degradada, convergindo para a criação de um programa fortemente relacionado com a música num edifício que fez parte da atividade industrial da CUF.

3.1 PENSAR A CIDADE - BARREIRO

Como mencionado num capítulo anterior, primeiramente, foi realizado um estudo do contexto histórico do Barreiro com o intuito de entender melhor as condições atuais do Parque Empresarial do Barreiro e também a importância que a CUF/ Quimigal teve na história desta cidade.

Numa segunda fase foi necessário fazer uma análise dos projetos propostos pela administração da Baía do Tejo, para compreender melhor as intenções da empresa que gere o território. Em todos os projetos (Figuras 30 e 31), há sempre um elemento comum que é a Terceira Travessia do Tejo (TTT), que permitirá tornar parte da área de intervenção numa interface de ligação direta a Lisboa, facilitando os movimentos pendulares no quotidiano da população do Barreiro. Tendo em conta este aspeto, optamos por manter a TTT como parte integrante do projeto a desenvolver, mas não condicionando a proposta à sua construção, porque tem sido permanentemente adiada.



Figura 32 | Mapas de usos que analisa a distribuição das atividades e serviços no território do Barreiro.

O grupo analisou os usos e serviços do local de intervenção e do Barreiro (Figura 32), com o objetivo de poder oferecer uma oportunidade de serviços e atividades em falta à população, permitindo que esta possa desenvolver o seu quotidiano dentro da sua própria cidade, reduzindo os movimentos pendulares diários entre as margens, e também contrariando a visão do Barreiro como uma cidade dormitório.

Ao construir um mapa se usos do território do Parque Empresarial da Baía do Tejo, foi perceptível que toda a zona, para além de maioritariamente inutilizada, baseia-se na oferta de serviços (oficinas), algum comércio (supermercados e pequenas lojas) e ainda alguma indústria ainda ativa. Na área mais próxima à linha ferroviária, ainda existem alguns espaços de cultura (mais ligados à história da CUF e da indústria), no entanto, toda esta zona carece de espaços verdes e de socialização de aproveitamento público. As áreas de restauração e espaços verdes mais próximos localizam-se na zona histórica da cidade, o chamado Barreiro Velho.

Juntamente com estas observações, foi realizada a leitura de documentos guias para o desenho de uma cidade mais sustentável no futuro- Nova Agenda Urbana- Hábitat III (2016), Guia sobre Desenvolvimento Sustentável e Cidades Sustentáveis 2020 (2015)- a partir dos quais surgiu um linha de raciocínio para a construção duma abordagem à população consoantes três temas que consideramos fundamentais para um desenvolvimento mais ecológico e sustentável do Barreiro: Cultura, Economia Circular, e Urbanismo Ecológico.

A cultura com o objetivo de fomentar o dinamismo em comunidade através de eventos culturais (exemplo: desporto e música) e práticas artísticas, assim como o turismo e visitantes exteriores à cidade do Barreiro.

A Economia Circular com o objetivo de reduzir o desperdício de materiais e descarbonizar a cidades, aumentar a comunicação entre empresas e promover a troca de materiais e conhecimento.

Urbanismo Ecológico com o objetivo de conectar a cidade à natureza, tornando-a parte do dia-a-dia, aumentar a qualidade de vida assim como a autossuficiência da população do Barreiro.

Numa primeira abordagem, foi reunido um conjunto de perguntas tendo em atenção os pontos referidos anteriormente em um inquérito online (ver Anexo B), a partir do qual foi possível obter várias respostas sobre o quotidiano da população do Barreiro, assim como foram reunidas várias opiniões sobre que equipamentos/atividades que fazem falta na sua cidade, que posteriormente teve influência na construção do processo participativo em forma do jogo 'PLAY THE CITY- BARREIRO'.

Antes de passarmos para a realização de todos os elementos do jogo, também foram realizadas uma série de entrevistas (ver anexo) para entendermos melhor o ponto de vista dos principais atores locais sobre o Barreiro como a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia, a Baía do Tejo, a associação OUT.RA, a associação Mula e o Augusto Sousa, enquanto que os cidadãos foram representados como o Cidadão Ativo.

A proposta de plano geral para o território da antiga CUF/ Quimigal (Figura 33) inclui as diversas ações propostas para o território durante a realização do 'PLAY THE CITY- BARREIRO'. Como um jogador mencionou, “a zona da Baía do Tejo é um dos maiores quebra-cabeças para o Barreiro”, e após diversas tentativas de desenhar um projeto geral para um território tão vasto, optamos por apresentar o resultado do jogo como um projeto não a ser realizado, mas como algo que desafia a reflexão das decisões tomadas durante o processo participativo. Vale salientar, que mesmo antes da criação do 'PLAY THE CITY – BARREIRO', foi realizado um inquérito online aos habitantes do Barreiro e que a partir das respostas recebidas foram criadas as peças e as regras para realização de um projeto colaborativo com os habitantes que participaram no jogo.

No inquérito foi muito referido a falta de espaços verdes que nos incentivou a elaboração da regra obrigatória de incluir zonas verdes sempre que se cria alguma função nova. A amostra de população também referiu a falta de acessibilidades na deslocação para o trabalho, sendo que mais de metade da população usa transporte próprio (carro) para se movimentar, assim como também referiu a falta de serviços, e acesso a espaços desportivos, de lazer e cultura perto da sua área de residência que produz dinamismo na cidade e contribui para o uso de transportes públicos assim como a redução

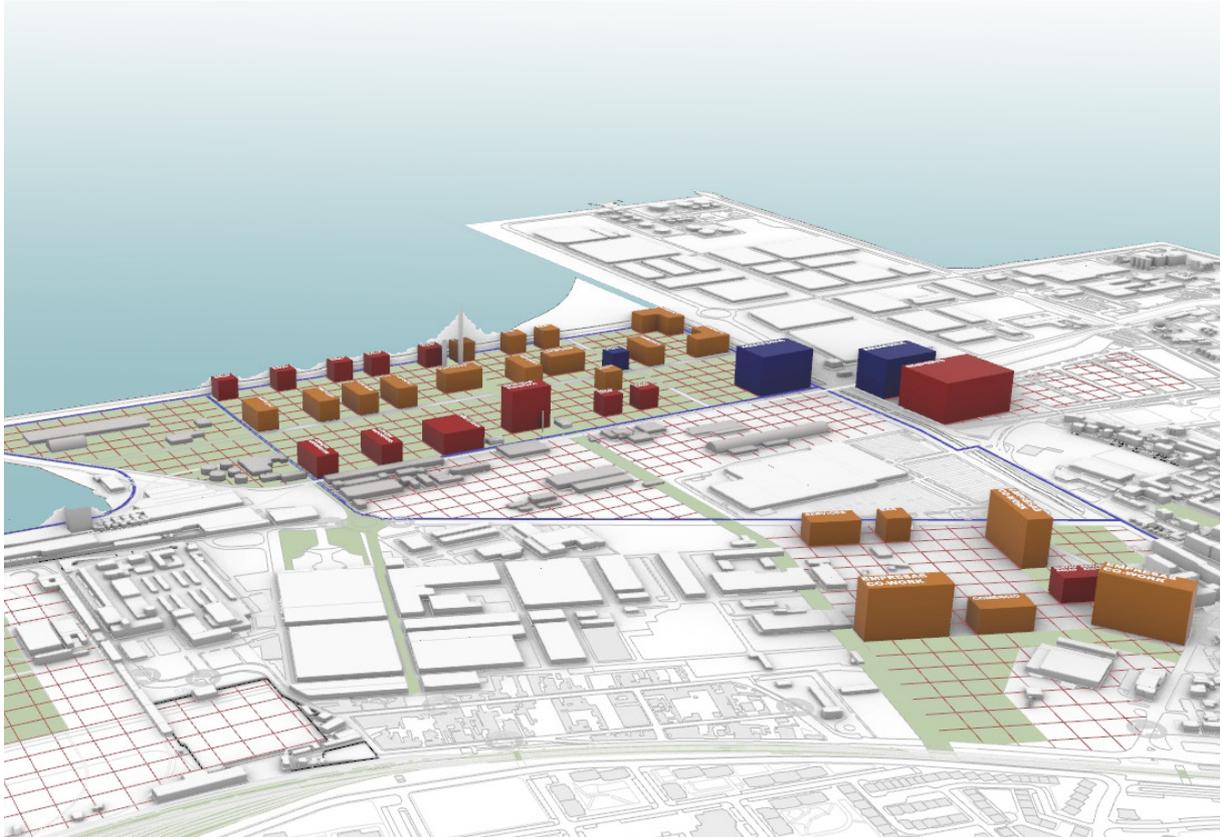


Figura 33 | Resultado do processo participativo, PLAY THE CITY- BARREIRO, em 3D.

de movimentos pendulares. Para concluir esta fase do processo, foi perceptível a falta de diversidade de funções e atividades distribuída pelo território que contribui para a visão do Barreiro como uma cidade dormitório.

Assim sendo, pode-se dizer que desde a criação do inquérito, que resultou no jogo, até ao resultado, a influência e as necessidades da população foram sempre tidas em conta.

Como referido no capítulo anterior acerca e influenciado pelo jogo, a proposta tem como um dos objetivos principais devolver o acesso da linha ribeirinha à população com a integração de espaços de convívio e lazer, podendo incluir restauração, comércio, zonas de desporto e espaços culturais. Os grandes espaços verdes também fazem parte do projeto, como um elemento que oferece zonas de convívio e descanso. Mais para a zona do Barreiro Velho, foram criados espaços de apoio à comunidades que lá habita, sendo colocadas funções como creche, clínicas, centros e cozinhas comunitários e zonas de desporto, assim como espaços de trabalho.

Os resultados deste trabalho demonstraram o pensamento de organização da cidade em expansão, surgindo mais atividade e funções em zonas mais perto das áreas já consolidadas que viriam a influenciar a decisão da escolha no local a ser intervindo com a cultura como catalisador de regeneração urbana. Ou seja, a área do porto e da fábrica da Nutasa foi escolhida como um momento que permite a ligação ao Barreiro Velho com o restante parque empresarial, com o intuito de permitir um futuro desenvolvimento no resto do território onde apenas algumas indústrias ainda sobrevivem. Como um conjunto marcante na paisagem barreirense associado à memória fabril, faria todo o sentido criar um programa que unisse o passado ao futuro cultural da cidade.



Figura 34 | A antiga fábrica de rações da Nutasa e os silos.
Fonte: Museu Industrial da Baía do Tejo.

Assim o programa criado, a ser ilustrado mais à frente, tem como objetivo ser ocupados pelas várias associações culturais do Barreiro, sendo uma zona comunitárias e de comunicação entre várias atividades que a cultura possa albergar. Assim como Lina Boa Bardi defende, a cultura deve ser vista como um espaço informal e de convívio, que contraria a ideia de uma cultura elitista.

Barreiro é um solo fértil:

(...) para o aparecimento e para a progressiva afirmação/consolidação de alguns agentes culturais particularmente activos na esfera da produção e programação musical. Associações culturais como a OUT.RA²⁴, a Hey, Pachuco ²⁵, e a ADAO – Associação Desenvolvimento de Artes e Ofícios²⁶ – formalizam-se nos últimos 15 anos, enquanto novos colectivos locais, enraizados no território e empenhados na sua dinamização. O seu objectivo, afirma AC (homem, 37 anos, programador cultural) (...) Os protagonistas destes colectivos, em grande parte naturais e residentes no Barreiro com ligações à cultura e às artes, apresentam traços identitários e discursos que bebem directamente do legado histórico, da memória colectiva e das suas próprias vivências num território, afirmando-se, simultaneamente, como guardiões da identidade e da memória locais e como atores que reclamam um papel activo no processo de reconfiguração do território".

(Carmo et al., 2019).

Rui Dâmaso²⁷, programador cultural na OUT.RA e do festival OUT.FEST, explica “*Eu cresci no Barreiro como uma cidade na qual essa paixão que eu tinha pela música podia ser totalmente explorada e vivida*”.

Outro motivo está associado às atividades organizadas numa vertente associativista, que fazem parte da cultura do Barreiro (Figura 37). O objetivo é reforçar o papel que estas associações têm na dinâmica do Barreiro, tendo como principal preocupação dar mais espaços e expandir as oportunidades e lugares em que essas dinâmicas acontecem, assim como prolongar a sua atividade no Barreiro, mitigando a sazonalidade da cultura e das visitas dentro deste contexto ao território.

24 Disponível em http://outra.pt/pt_pt/ (consultado em XXX)

25 Disponível em <http://heypachuco.pt/> (consultado em XXX)

26 Disponível em <https://www.adao2830.org/> (consultado me XXX)

27 Disponível em <https://ultimobarco.com/entrevistas/rui-pedro-damaso/> (consultado em XXXX)

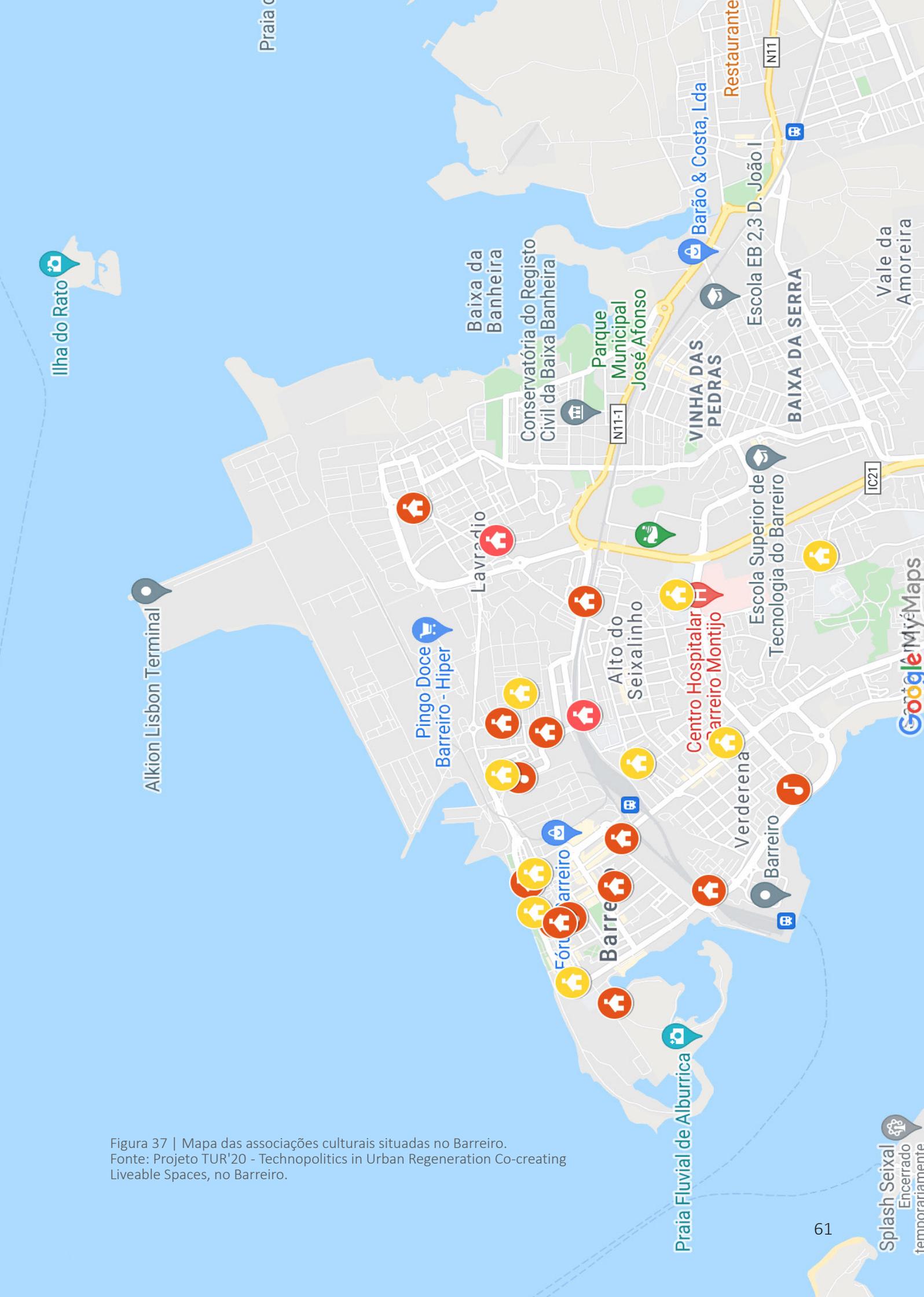
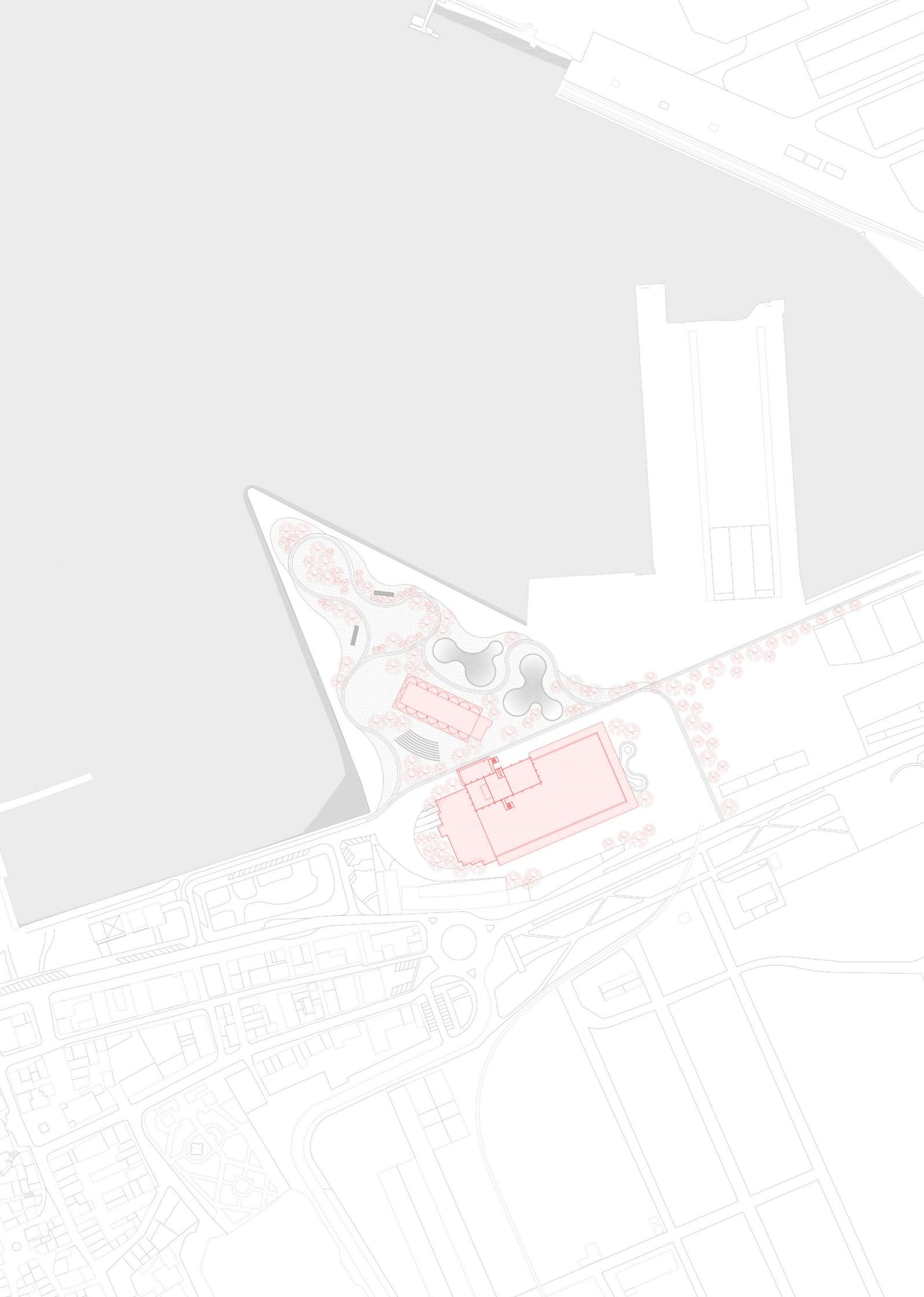


Figura 37 | Mapa das associações culturais situadas no Barreiro.
Fonte: Projeto TUR'20 - Technopolitics in Urban Regeneration Co-creating Liveable Spaces, no Barreiro.



A proposta de intervenção no espaço público, em toda a área portuária agora inutilizada, aposta no desenho de uma grande área que serviços e atividades que possam funcionar como um quarteirão cultural, ou seja, um espaço de encontro para todos os moradores do Barreiro e de incentivo a novos visitantes, promovendo assim uma nova economia de consumo no Barreiro através da cultura, e espaço de trabalho de diversas associações que já atuam na cidade. Para a ligação à cidade, é definida uma passagem pedonal entre os silos e o edifício da antiga fábrica de rações, para gerar um ponto de entrada para os dois volumes, dando continuidade à Promenade do Passeio Augusto Cabrita, conhecido como avenida da praia (Figura 38). O objetivo é possibilitar no futuro prolongar a continuação da frente ribeirinha até à zona industrial ainda ativa da Sovena, a fábrica de óleos e azeites. Pela passagem criada entre os edifícios, também é desenhada uma ciclovia, que também dá continuidade àquelas que já existem na avenida da praia, correspondendo a um desejo da população em expandir as ciclovias da cidade do Barreiro, expresso tanto no inquérito inicial como na realização do jogo “Play The City- Barreiro”.

À medida que se vai avançando para norte do pontão, é atribuído um espaço para a criação dum skate park do lado nordeste dos silos para atrair a população mais jovem, pois apesar de já existir um equipamento desses, este não consegue corresponder à grande procura acabando por surgir alguns conflitos entre os seus usuários. No lado sudoeste dos silos, foi criado um espaço de estar em bancada para a realização de cinema ao ar livre e a visualização de outros projetos e também para a realização de pequenos concertos. Avançando mais para a ponta do triângulo, são distribuídos locais de convívio e consumo, como um café e restaurante, que vão intercalando com espaços verde. O pontão em si foi pensado como um local calmo, de leveza e descontração de aproveitamento da paisagem sobre o rio. Ao redor de todas estas zonas, serpenteia uma continuação da ciclovias e caminhos pedonais de forma a incentivar as pessoas a conhecerem as várias atividades durante o seu percurso, havendo uma relação visual entre as várias dinâmicas a acontecer em todo este espaço público.

Figura 38 | Planta do desenho do espaço público, na zona portuária da antiga fábrica (à esquerda).

O programa cultural é distribuído pelos volumes em betão e está relacionado com as atividades que já se praticam no Barreiro, completando estas e dando mais oportunidades de espaços e desenvolvimento dessas mesmas atividades.

Os silos têm um programa de acolhimento da arte urbana, expandindo o projeto Art in Town, sendo o edifício usado como laboratório e “tela” (Figura 39) para a prática desta atividade, algo que já acontece pontualmente no resto da cidade, e que sido bem recebido pela população e artistas convidados. Estas ações não se desenvolveriam apenas na fachada dos silos, mas também no seu interior, permitindo criar novos desafios e ambientes para esta prática artística, assim como servir de local de exposição dos trabalhos ali realizados.

O edifício da Nutasa, contém um programa muito mais complexo, devido também à complexidade da sua estrutura, onde são atribuídos espaços de ensino e experimentação musical, espaços de convívio e lazer, e também um hostel. O edifício é escolhido para intervenção mais detalhada à escala da arquitetura. O volume é composto por uma grande base da qual surge uma torre que albergava uma rede impressionante de maquinaria para a produção de ração, havendo também no seu interior alguns pés-direitos de alturas monumentais que nos deslumbra pela sua tamanha verticalidade (Figura desenhos da fábrica cortes).

Estruturalmente, a torre desta construção apresenta uma malha bastante fechada, à qual optei por manter ao máximo possível adaptando o programa à sua estrutura. Por ter uma estrutura industrial bastante marcante (Figura 40), faria todo o sentido manter essa característica com memória da fábrica antiga, assim como preservar algumas das máquinas que hipoteticamente ainda lá estaria, estabelecendo então um percurso da memória que se integraria com as atividades do novo programa. No entanto, uma grande quantidade de parede de betão teve de ser removida para que o programa e a circulação não fosse muito limitada, sem nunca comprometer a estrutura de pilares e vigas da torre.



Figura 39 | Fotomontagem dos silos com arte urbana e projeção de vídeo/filme.
 Fonte: Museu Industrial da Baía do Tejo (imagem base).

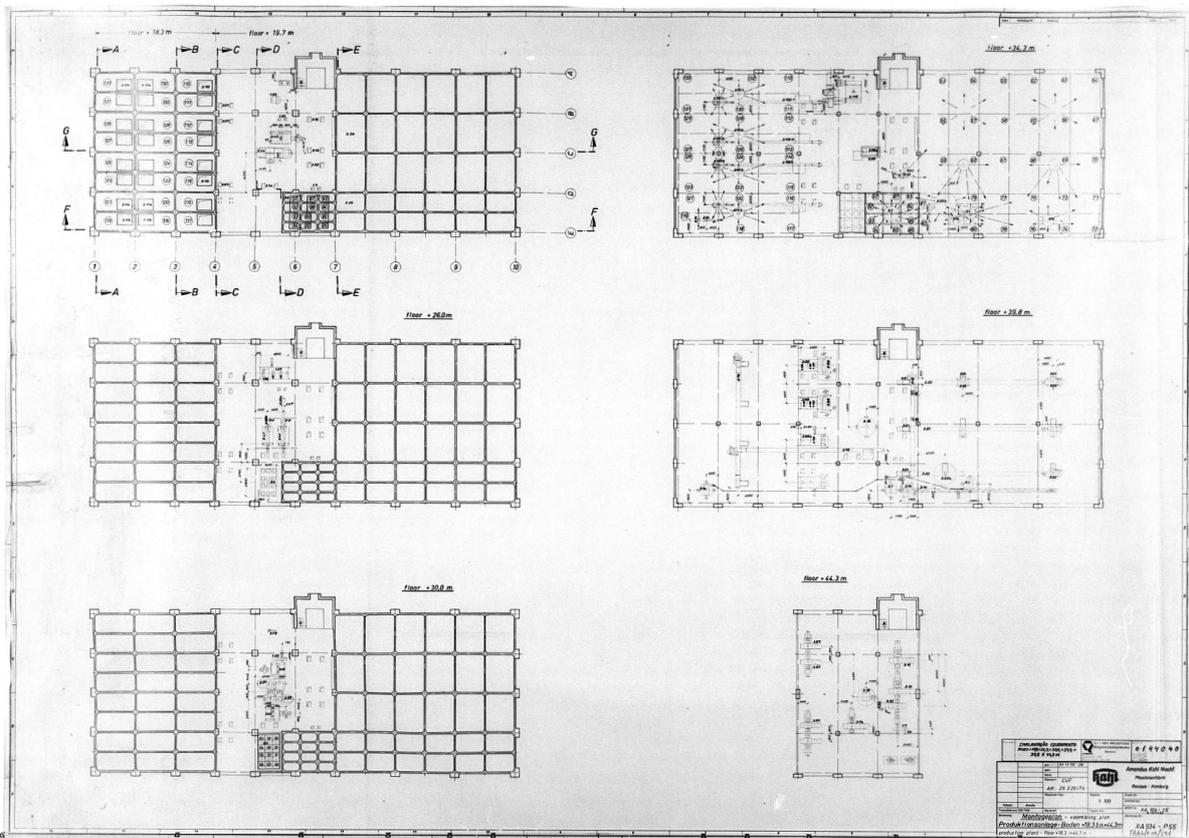


Figura 40 | Plantas de implantação do equipamento da fábrica da Nutasa.
 Fonte: Fundação Arquivo Amélia de Mello.



O antigo acesso vertical principal foi convertido numa área técnica de elevadores monta cargas de acesso a todos os pisos. O novo acesso vertical principal, uma escada metálica, entre a malha do edifício, é composto por um conjunto de elevadores com um carácter industrial forte e, de certa forma, escultórico. Esta opção projetiva é acompanhada pela necessidade de duas escadas de emergência - uma no lado norte e outra do lado sul da torre - também pela grande quantidade de usuários que o programa albergaria. A escada de emergência a norte para além da sua função, teria como objetivo de sinalizar a entrada para o edifício.

O programa da Fábrica de Música distribui-se pelos vários pisos pré-existentes (Figura 41). O piso de entrada, elevado a 1 metro e 20 centímetros do chão possui diversas entradas em todas as direções, exceto o lado oeste, com o intuito de criar uma maior liberdade e relação entre interior-exterior. Aqui é possível contar com uma grande praça coberta com várias entradas de luz horizontais, com um desenho orgânico de plataformas intercaladas a serem usadas como espaços de estar e convívio. O piso tem acesso a uma biblioteca, cafeteria/restaurante e livraria. A biblioteca possuiria grande repertório unicamente relacionado com a música e a arte urbana, composto por área de visualização de vídeos, área para ouvir música e área de leitura de revistas. Esta área prolonga-se para um segundo piso, apenas acessível pelo interior desta que corresponde a uma área de leitura e espaços de estudo. A livraria temática estaria dedicada à música e arte urbana (Figura 42).

Nos pisos 1 e 2 da torre está distribuído o hostel, sendo que o piso 1 corresponde à receção, áreas técnicas e áreas comuns dos hóspedes (cozinhas, sala de refeições, e zona lounge). O piso 2 é dedicado aos quartos e uma lavandaria para os hóspedes, áreas que só são acessíveis por um acesso próprio do hostel. Este hostel funcionaria em parceria com o laboratório de música nos pisos superiores, como alojamento para residências artísticas (Figura 43).

Nos pisos 3 e 4, situa-se a escola de música composta por receção, sala de aulas teóricas e salas de ensaio no piso de entrada (piso 3), e estas prolongam-se para o piso superior também através de escada própria. As salas de ensaio/ensino têm diversas dimensões, existindo a possibilidade de haver salas de ensino para 2/3 pessoas (aprox. 22m²) no piso 3 e 4, salas para grupos de 5/8 pessoas (aprox. 45m²) e salas para 3/4 pessoas (aprox. 30m²), ambas no piso 4 (Figura 44).

Figura 41 | Axonometria da estrutura do edifício pelo qual se distribui o programa da Fábrica de Música (à esquerda).

Nos pisos 5 e 6 situam-se os laboratórios de experimentação musical, um conjunto de espaços a serem utilizados por artistas que necessitem de salas de reunião e salas de ensaio, distribuídas pelo lado oeste e este da torre respetivamente, com dimensões semelhantes à escola de música. No piso de entrada possui uma receção que gere todos este espaço e no piso 6 ainda é possível a utilização de um pequeno estúdio de gravações (Figura 44).

Dos pisos 3 ao 6, as salas de ensaio e estudo funcionam como volumes que pairam dentro do edifício sem nunca se tocarem entre si, de forma a acentuar a verticalidade que havia no interior da fábrica, apoiando-se sempre na sua estrutura original.

No piso 7 encontra-se a sala de espetáculos, que ainda dispõe de uma mezzanine criada no piso 8. Este espaço possui um pé direito bastante alto, ideal para a realização de espetáculos, tendo como cenário de fundo a cidade do Barreiro, e alguns vestígios da fábrica. No piso 9 foi desenhado um pequeno café-miradouro com vista sobre toda a cidade do Barreiro (Figura 45).

Por último, mas não menos importante, há a intenção de manter alguma maquinaria que outrora pertenceu à fábrica e que, hipoteticamente, ainda poderá existir, tendo em conta que não é possível visitar o interior do edifício devido ao seu estado de degradação. O manter destas máquinas funcionaria como um acentuar da memória fabril dos tempos frenético e apogeu da CUF, criando uma ponte entre o passado, presente e futuro de toda a área de intervenção. Seria assim criado o caminho da memória, com acesso livre em quase toda a sua extensão, que acompanha o acesso vertical principal e que se integra nas atividades da Fábrica de Música.

Por último, no piso 9 encontra-se um pequeno café com espaço exterior que funciona como um miradouro para toda a sua envolvente. Todo este bloco tem a intenção de ser explorado pelas associações do Barreiro e seus habitantes, incentivando ao seu sentido de comunidade de forma informal, tirando o máximo proveito do que a cultura desta cidade pode oferecer.

Máquinas a preservar: 

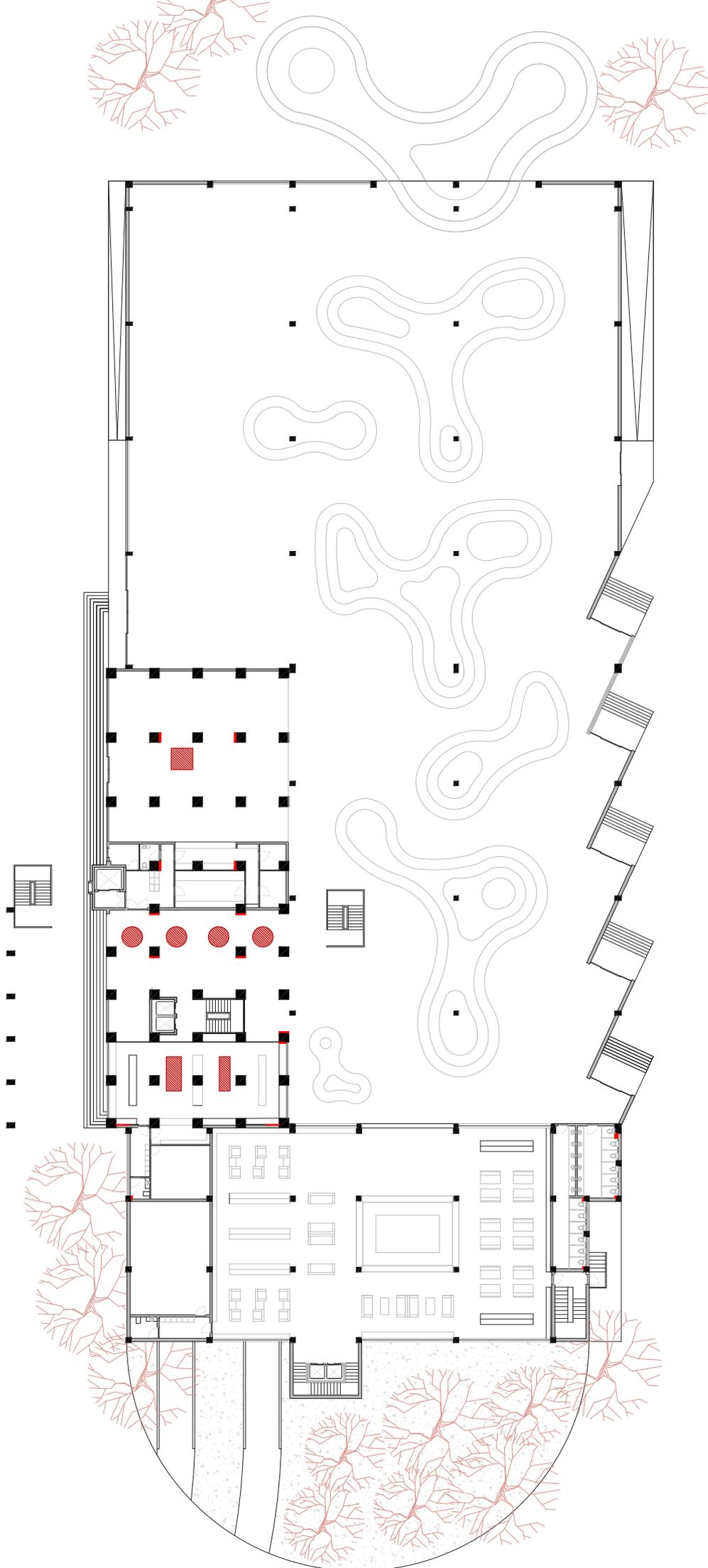
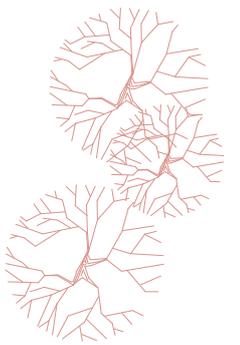


Figura 42 | Projeto Fábrica de Música (1:500). Piso 0: praça coberta, biblioteca, livraria e cafeteria.



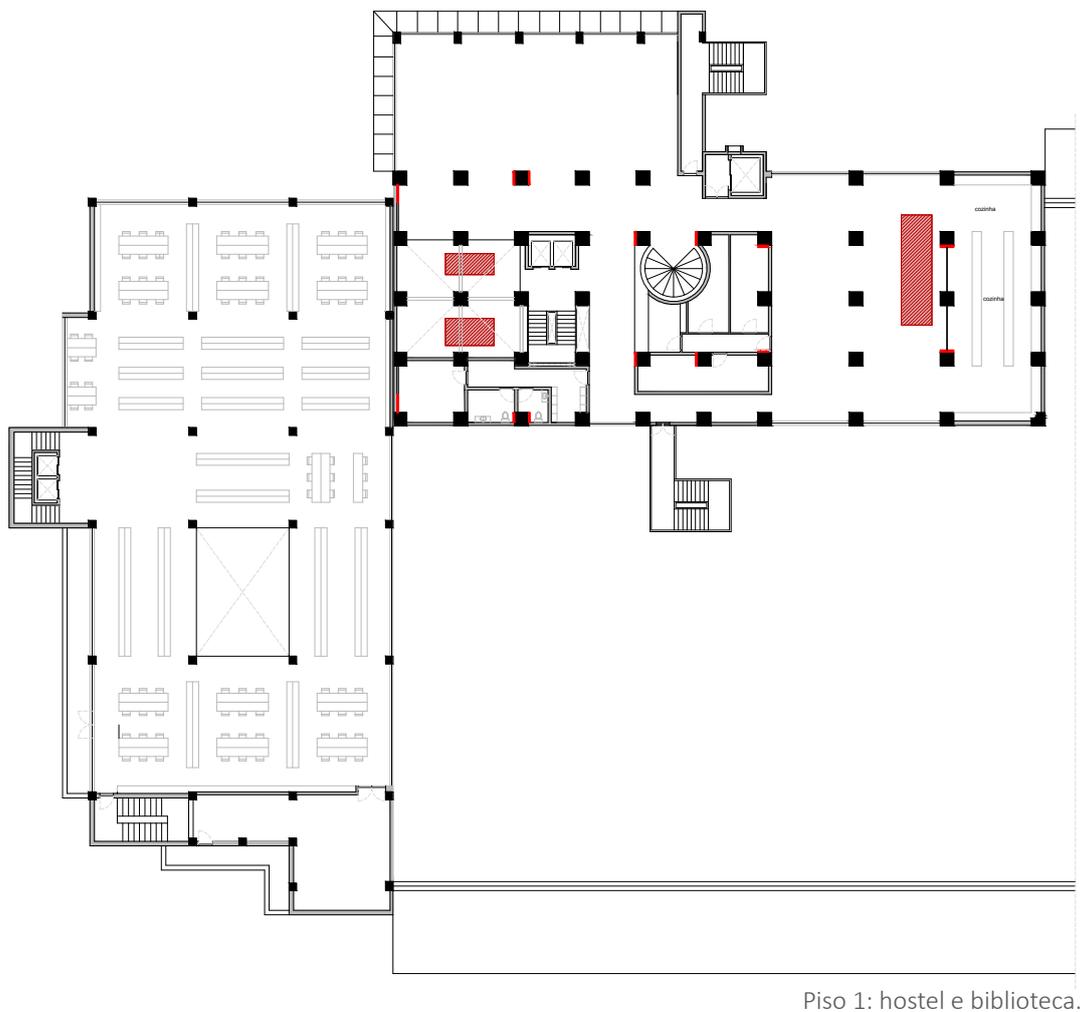
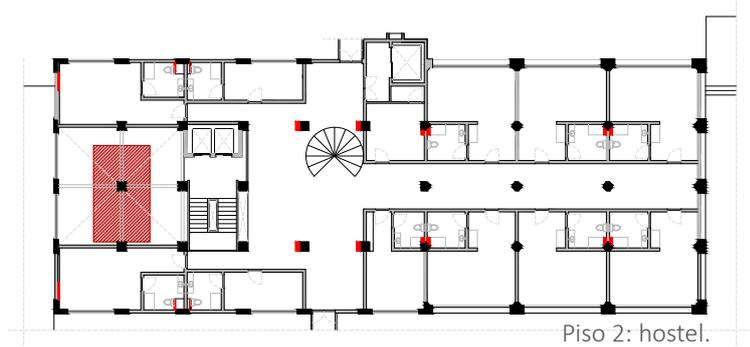
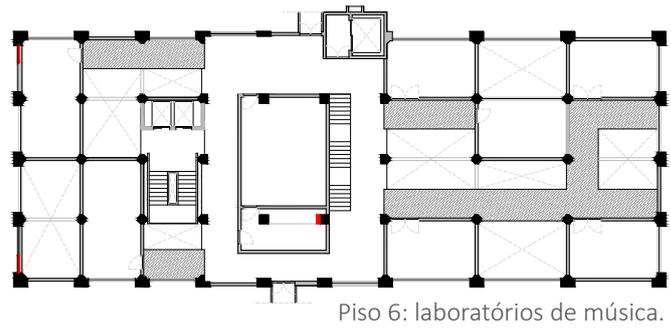
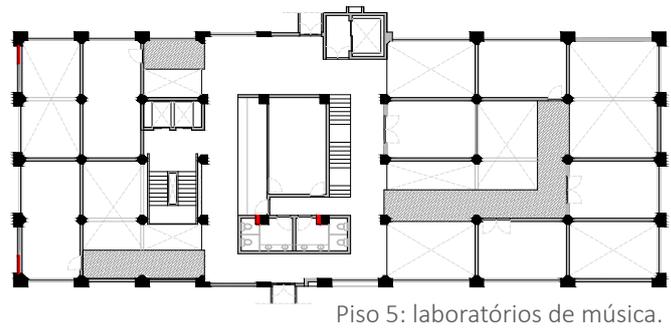


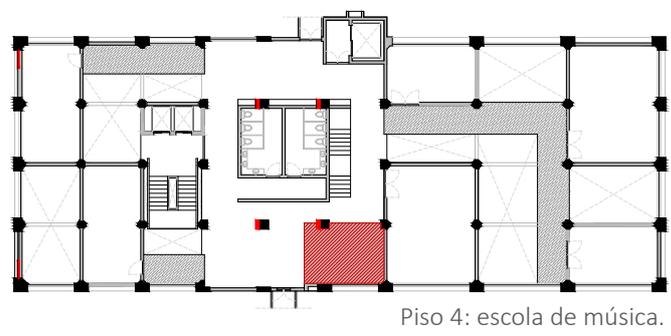
Figura 43 | Projeto Fábrica de Música (escala 1:500).



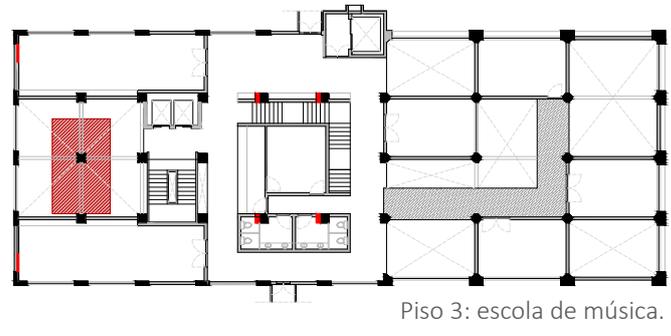
Piso 6: laboratórios de música.



Piso 5: laboratórios de música.

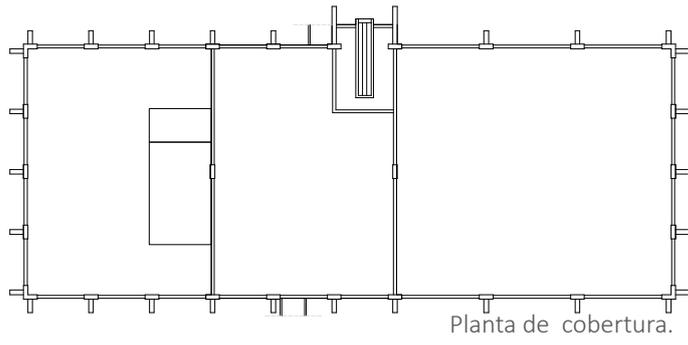


Piso 4: escola de música.

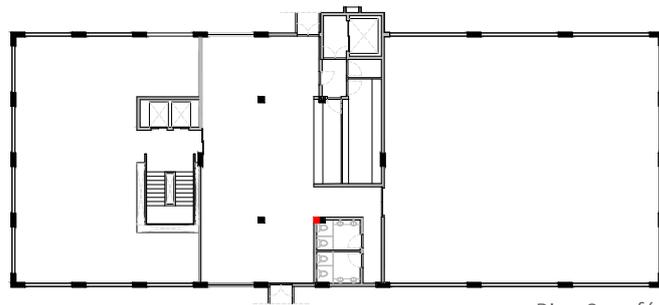


Piso 3: escola de música.

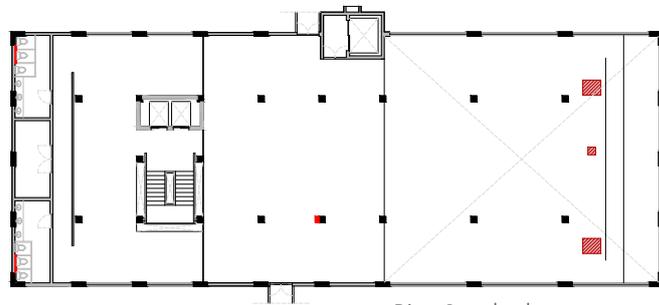
Figura 44 | Projeto Fábrica de Música (escala 1:500).



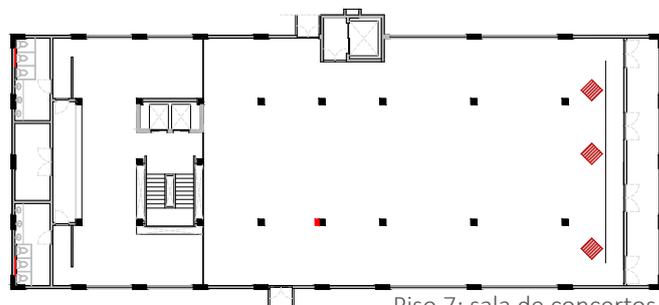
Planta de cobertura.



Piso 9: café.



Piso 8: sala de concertos.



Piso 7: sala de concertos.

Figura 45 | Projeto Fábrica de Música (escala 1:500).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, é composto por diversos objetivos que vão contruído uma narrativa complexa de todo o processo realizado. Primeiramente, entender a necessidade de envolver a população nos projetos que são realizados dentro das suas cidades. Como principais usufruidores dela, não faz sentido colocarmos a opinião pública de parte no decorrer do processo de um projeto, ainda mais quando se fala em projetos de regeneração urbana, onde a cidade a ser regenerada é resultado das decisões/condições que levaram ao seu estado. Sem dúvida que o passado das cidades que sofrem este tipo de processos é algo que dificilmente é esquecido, principalmente pelo fator humano da própria cidade. No caso do Barreiro, a sua história surge a partir da instalação e expansão das fábricas da CUF, que no passado proporcionou muitos pontos positivos, especialmente económico, mas que levou ao estado de degradação e consequente estagnação quando muitas fábricas deixaram de existir. A história do Barreiro vive à volta da sua memória fabril e é o que mais caracteriza o território atualmente.

Muito vagamente, cultura define-se por um conjunto de comportamentos e tradições duma determinada comunidade e que abrange diversos áreas e conceitos. Assim a cultura do Barreiro durante muito tempo foi a fábrica, desde os seus hábitos laborais até aos momentos de lazer e convívio, gerado através de associações, de certa forma também proporcionado pela indústria. Assim, através de uma antiga fábrica de rações, foi criado um programa cultura que já é bastante ativo no Barreiro, mantendo viva a memória da fábrica através do edifício, tentando não deixar que esta se torne numa barreira para o surgimento de novas dinâmicas.

BIBLIOGRAFIA

Amador, H. (2011). *Territórios Metropolitanos-Projecto Arco Ribeirinho Sul*. https://www.researchgate.net/publication/312087731_Territorios_Metropolitanos-Projecto_Arco_Ribeirinho_Sul

Balibrea, M.P. (2003, Dezembro). *Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 67. <https://journals.openedition.org/rccs/1110>

Catulo, K. (2021, Julho). *Barcelona quer dar o "Eixample" da maior reforma urbana na Europa*. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/dinheiro/barcelona-quer-dar-o-eixample-da-maior-reforma-urbana-na-europa-13921774.html>

Castells, M. (2002). *Urban sociology in the twenty-first century*. *Cidades, Comunidades e Territórios*, (5). <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9160>

Carmichael, S. *Making Creative Connections – Our architectural townscape and its re-use potencial for museums and the arts*. In Lorente, P. – *The Role of Museums an the Arts in the urban regeneration of Liverpool*. pp. 32.

Carmo, A., Matos, F., & Pereira, S. (2019). *Regeneração urbana através da cultura e das artes: o caso do Barreiro*. In *Forum Sociológico. Série II* (No. 35, pp. 61-70). CESNOVA.

Cidades Sustentáveis 2020. Ministério do Ambiente, Ordenamento do território e Energia (2015). https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/ficheiros-cidades/cidades_sustentaveis2020.pdf

Costa, P. (2000). *Centros e margens: produção e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa*. *Análise Social*, vol. XXXIV (154), 2000, 957-983

Doherty, G., Mostafavi, M. (2016). *Ecological Urbanism*. *Harvard University Graduate School of Design*. Lars Müller Publishers. Zurich, Switzerland.

Farias, A., Paio, A. e Falanga, R. (2021). *Tecnopolíticas da Participação- Uma abordagem genealógica*. *Arquitetura Revista*. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/49625/1/ICS_RFalanga_Tecnopolitica.pdf

Florida, R. (2002). *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community, and Everyday Life*. Basic Books, New York.

Gonçalves, C., Carvalho, J. e Tavares, J. (2020, Dezembro). *Património cultural: um potencial adormecido*. *Expresso*. <https://expresso.pt/opiniaio/2020-12-21-Patrimonio-cultural-um-potencial-adormecido>

Harvey, D. (2012). *O direito à cidade*. *Lutas sociais*, (29), 73-89. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf

Hwang, K. (2014). *Finding urban identity through culture-led urban regeneration*, Journal of Urban Management, ISSN 2226-5856, Elsevier, Amsterdam, Vol. 3, Iss.1/2, pp.67-85. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2226585618300840?via%3Dihub>

Medeiros, E. (2016, Outubro). *Desindustrialização e Cidades Pós-Industriais na Península*. <http://www.apdr.pt/siteRPER/numeros/RPER52/52.3.pdf>

Mommas, H. (2003, Setembro). *Cultural Clusters and the Post-industrial City: Towards the Remapping of Urban Cultural Policy*. <https://pt.scribd.com/document/456532233/cultural-clusters-the-post-industrial-city>

Monataner, J. (2004). *O Espaço Público Moderno* in BRANDÃO, P. e REMESAR, A. [eds.] – Design Urbano Inclusivo – Uma experiência de projecto em Marvila, “Fragmentos e Nexos”. Lisboa: Centro Português de Design, pp. 89

Moreira, I (2014, Março). *Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós- industriais*. Revista Arqa.

Moreira, I. (2018, 27 de Maio). *Estratégias divergentes para o pós-industrial*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/estrategias-divergentes-para-o-pos-industrial-9382531.html>.

Mourão, J. F. (2019). *Regeneração urbana integrada, proteção do património cultural e eficiência ambiental como objetivos divergentes nas políticas urbanas em Portugal (2000–2020)*. Cidades. Comunidades e Territórios, (38).

Muxi, Z. (2010). *Episódios da transformação urbana de Barcelona*. Revista Arqtexto. Porto Alegre, v. 17, p. 104-123.

Nakhi, A. A., Ahmari, N., & Rezaei, S. (2016). *Renovation and rehabilitation strategies for worn-out texture of Ab-Anbar-no District in Sari using SWOT technique*. Open Journal of Geology, 6(04), 270.

Nova Agenda Urbana- Habitat III (UN, 2016). <https://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese.pdf>

Oliveira, A. e Guerra, P. (2016). *Espaços urbanos entre a cultura, a imagem e a intervenção. Uma reflexão a partir de três intervenções na cidade do Porto* in CIDADES, Comunidades e Territórios, p. 118- 131

Pereira, J. e Saraiva, S. in COSTA, P., LOPES, R. V. e BASSANI, J. (2019). *BRR 2018: Quando a periferia se torna trendy*, Lisboa: DINÂMIA’CET-IUL – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

Peyton, J. *Abandonment Issues: Producing Industrial Heritage Landscapes at the São Domingos Mine*. Environment & Society Portal, Arcadia (Autumn 2017), no. 32. Rachel Carson Center for Environment and Society. doi.org/10.5282/rcc/8122

Portas, N. (1969). *A cidade Como Arquitetura*. 2a edição, Livros Horizonte. Lisboa.

Priority Actions Programme, Regional Activity Centre (2004, January). *Guidelines for Urban Regeneration in the Mediterranean Region*. Split. <https://iczmplatform.org/storage/documents/XCmLirwA3z-fA07EMzztS7c69qM0WyCAsjJPY0Odb.pdf>

Queirós, M. (2004). *Da teoria à prática na intervenção em brownfields: A regeneração da CUF/Quimigal no Barreiro*. V Congresso da Geografia Portuguesa.

Richards, G. & Wilson, J. (2004) *The impact of cultural events on city image: Rotterdam, Cultural Capital of Europe 2001*, Urban Studies, vol. 41, no. 10, pp. 1931–1951.

Sassen, S. (2001). *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton, N.J: Princeton University Press.

Stavrides, S. (2016). *Espaço Comum — A Cidade como Obra Colectiva*. Orpheu Negro.

Walter Benjamin, *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, 1936.

ANEXOS

ANEXO A

ENTREVISTA A ANDRÉ CARMO

1. Podendo construir um guia sobre de regeneração urbana num espaço pós- industrial com uma carga histórica muito forte como é o caso do Barreiro, quais seriam os pontos principais desse guia?

Sem nenhuma hierarquia, o primeiro aspecto, desafiante neste tipo de processos, é sempre como mobilizar os recursos patrimoniais, tangíveis e intangíveis, subjetivos e objetivos, valorizá-los nesses processos de regeneração e de transformação no território, sem desvirtuar o seu significado. Mas, e acho que este é o principal desafio destes processos, sem que eles constituam um obstáculo ou uma barreira, sem que se imponham excessivamente, sem que o peso do passado impeça que se consiga projetar, rasgar novos horizontes para o futuro do desenvolvimento dos territórios. Porque esses territórios digamos pós-industriais são profundamente marcados, há autores que falam de cicatrizes no território, que são também humanas. As cicatrizes não são só espaciais, são também do ponto de vista humano, económico, etc. Creio que esse é talvez o principal desafio, como é que isto se pode fazer sem que esses fatores constituam forças de bloqueio para o futuro, e esse é um aspeto importante. Outro aspeto importante aqui a considerar é que muitas vezes estes processos ocorrem ao nível autárquico. São as autarquias, é o poder local, no caso português em concreto, tem de gerir e de lidar com as marcas do passado, da história no seu território que estão em baixo, digamos, da sua soberania. Aquilo que ocorre hoje, e à décadas e que se tem vindo a acentuar, é que os processos de transformação do territórios estão muito fortemente dependentes de lógicas que são, eu até diria, supra nacionais... supra locais seguramente e isso já seria antes, mas eu creio que há dinâmicas de circulação de capital, de investimento no imobiliário e outros tipos de inscrições do capital no território, que funcionam uma escala outra que não é a escala do poder local. Portanto, isto retira instrumentos e capacidades de intervenção e de atuação do local sobre esses territórios. É por isso, por exemplo, que no caso do Barreiro, nós vemos, tanto no executivo anterior que no atual- no atual neste momento não estou certo disso mas o anterior seguramente- participava naquelas feiras do IPIM, do imobiliário que aconteciam em Cannes, onde levavam juntamente com a Baía do Tejo, que participavam para ver se encontravam investidores e compradores, capital para transformar este território. No caso do Barreiro é um território de tal maneira abrangente e amplo que não é suscetível a transformação com os recursos endógenos, diria eu, de orçamentos municipais e mesmo com algum investimento da administração central. Mas o que é facto é que são sobretudo as autarquias e o poder local, e esta é a segunda ideia, que têm a obrigação maior de gerir e promover iniciativas no sentido de transformação destes territórios, mas têm muito poucas ferramentas e tem muito pouco poder para efetivamente conseguir dinamizar ou conseguir ser uma força suficientemente potente para que os processo ocorram nos termos em que o poder local considera mais adequado. E talvez, não sou católico, mas vou dizer uma terceira que me parece importante no meio dessas coisas todas, do território e das suas transformações, em particular nestes casos reincidentes na cultura e das artes, é a necessidade imperiosa de envolver as comunidades. Não se podem levar a cabo esse tipo de processos à revelia sem envolver. Tenho um colega meu, muito ligado às questões de desenvolvimento local, que diz sempre a mesma expressão que eu também comecei utilizar: não há desenvolvimento sem envolvi-

mento. Portanto é preciso envolver as pessoas, ouvi-las verdadeiramente. E quando se trata de desenvolvimento dos processos participativos, importa que eles não sejam cosméticos, que não sejam nas fases finais só para dar ali pormenor de democraticidade e participação para legitimar estes processos. Importa que as comunidades, as pessoas e as associações, o tecido social das comunidades diretamente ou até em alguns casos até indiretamente afetadas por esses processos, que tenham uma palavra a dizer desde a fase inicial e não só nas fases finais. Ou muitas vezes acontece esta lógica de consumir, tomam-se as decisões e já estão tomadas, e depois faz-se umas sessões de participação pública para embelezar estes processos, para tirar uma fotografia para jornais, quando na verdade a participação das pessoas não significou verdadeiramente para nada. Como as pessoas não são burras, nem estúpidas, sentem-se instrumentalizadas e manipuladas, depois vão ganhando cada vez mais anticorpos e aversão a este tipo de processos, e nisso é extremamente prejudicial para tudo tem a ver com a dinâmica de transformação sócio-territorial. Eu creio que estas três ideias, sem nenhuma hierarquia, parecem-me importantes para ter em conta. Permite-me então acrescentar 4º ponto, que é também o desafio destes processos que é saturação da parte dum território da sua natureza tão saturados de estudos e projetos sobretudo desta natureza académica e portanto também isso é um desafio para quem leva a cabo porque as populações locais muitas vezes também já estão um pouco cansadas deste tipo de processos. Portanto quando se vai para o terreno é importante identificar sempre o que é que e quais são as pessoas que podem facilitar esse processo de abertura das comunidades ou trabalho junto delas para que não se entre com o pé esquerdo, e depois pode ser difícil recuperar os danos nesses processos. O caso mais conhecido e até há uma piada que se conta sobre a Cova da Moura, que é num desses territórios, em que a família tipo de Cova da Moura tem o pai, a mãe, dois irmãos, uma avô, uma avó, um neto, uma neta e um cientista social. Portanto esta é a constituição tipo da família na Cova da Moura. Aqui podia ser o arquiteto, não é? Portanto é a mesma coisa, tenham cuidado com isso. Se há alguma sugestão ou recomendação que eu possa fazer em particular para vosso trabalho é que prestem atenção a esse aspecto. E há outros já agora, vou-me lembrando... Há aqui outro aspeto que é, por lado haver esta preocupação com as comunidades que é a base, e depois é preciso ter cuidado com a relação que se estabelece nestes processos com as próprias autarquias e o poder local que também tem os seus próprios interesses. No caso do Barreiro, que também haverá a Baía do Tejo, é mais uma entidade importante central que também tem interesses próprios e que vocês do ponto vista académico devem ter essa capacidade de ter algum distanciamento crítico relativamente aos interesses de cada um destes agentes, mas seguramente que vossos orientadores também já vos chamaram atenção.

2. Sendo a cultura um aspeto numa comunidade como “alimento espiritual”, como é que a culturas e as artes podem contribuir para o desenvolvimento local (até mesmo a nível económico) para que essas iniciativas culturais não tenham um carácter efémero?

Para começar pelas ideias em torno da cultura e do desenvolvimento... uma preocupação que tem de existir, do meu ponto de vista, é não olhar para a cultura numa ótica redutora eminentemente mercantil, e só este gesto já depois tem consequências abrangentes sobre o papel que a cultura pode vir a desempenhar no processo de desenvolvimento dos territórios: social, económico, cultural, político e por aí fora... a nível de coesão social. Eu creio que em muitas autarquias há uma certa tendência de mercan-

tilização da cultura, e portanto olhar para a cultura única exclusivamente do ponto de vista dos seus resultados económicos, dos ganhos, aqueles indicadores típicos (o número de visitantes; quanto é que cada um consome; gastos; consumo). Não digo que se deve abandonar inteiramente essa faceta da cultura, mas acho que ela não deve ser central num processo de desenvolvimento e transformação territorial alicerçada na cultura e nas artes. Isso tem de ser uma visão mais ampla, mais abrangente da cultura enquanto espaço de diálogo da comunidade de envolvimento, da cultura enquanto mecanismo de comunicação, da cultura enquanto ingrediente fundamental da elevação, digamos cultural mas também civilizacional, a humanização dos sujeitos. Tudo aquilo que eu estou a referir agora são aspetos profundamente subjetivos intangíveis, e é por isso que a cultura se debate sempre com este problema. Como é que se mede, porque as autarquias funcionam sempre na base de indicadores, de avaliações, de monitorização dos impactos, e é muito difícil avaliar isso. Em Inglaterra são pioneiros nisso, tem muitas agências que se dedicam a construir e a medir os impactos da cultura. A coisa não é fácil e não está verdadeiramente resolvida, não há uma resposta definitiva. O que me parece até o ato mais importante é puxar a cultura e as artes para o centro das preocupações e não me mantê-las na periferia. São sempre coisas que surgem no fim da linha, por isso é que temos 1% para a cultura, e por isso temos os intermitentes do espectáculo... Agora, a pandemia mostrou muito importância da cultura. Quando pára a cultura parece que há uma componente fundamental da vida em sociedade que desaparece, o mundo do espetáculo, toda a produção cultural quando ela parou mostrou bem a sua importância. Há uma frase, que já não sei a que é atribuída isto, Santo Agostinho talvez, que perguntava como é a definição do tempo e ele dizia “Eu sei sempre definir o tempo até me perguntarem”, por isso é um bocadinho isto. Eu sei exatamente o que é cultura, só deixo de saber quando perguntam. Isto para dizer para trazer a cultura para o centro, retirá-la da periferia e não olhar para ela única exclusivamente numa ótica economicista restrita.

Para já, digamos que a natureza dormitório do Barreiro é histórica. Não é necessariamente mal em si, digamos que implica desafios diferentes mas devemos olhar para o Barreiro como uma cidade metropolitana. O Barreiro é um concelho, aliás não é só cidade. Embora a propriedade industrial esteja na cidade, o Barreiro é um município, tem uma componente rural, onde também se poderia produzir cultura. Mas depois, aquilo que eu queria sublinhar é que tendemos a olhar para aquilo que efémero como algo necessariamente mal, mas também não tenho muita reflexão sistematizada sobre este aspecto. Mas à primeira vista, eu não diria que ser efémero é bom ou mau, porque digamos que o tempo não é linear. Há aspetos que ocorrem num período curto que deixam marcas que perduram para sempre, e há um tempo longo em que é tudo muito irrelevante. Há momentos na história em que tudo acontece e depois há longas décadas ou séculos em que muitas coisas vão acontecendo. Eu creio que do ponto de vista da cultura para território, nós podemos pensar assim nisto assim numa lógica quase como ter o óleo a ferver numa panela. As coisas podem ser efémeras desde que vão fervilhando, que vão acontecendo. Estagnar é que me parece o problema. Agora se há iniciativas que têm uma duração um bocadinho maior que outras não me parece muito importante, o que importa é manter a coisa a fervilhar, haver uma dinâmica. Mas aqui, eu creio que há depois outros processos, paralelos associados ao território e às suas dinâmicas de desenvolvimento, que também podem funcionar como barreiras e obstáculos a esse fervilhar, para além daquela questão que já referi do capital circular a uma escala supra local, supra nacional... Quando cai sobre os territórios, têm agendas próprias e muitas vezes são até contrárias

aos interesses desses próprios territórios. Ah, e dois processos: (1) Portugal e o mundo acidental, e o Barreiro é um peso particularmente significativo a nível de envelhecimento da população (envelhecimento demográfico) que constitui um desafio também desse ponto de vista, porque nós tendemos, eu creio que não há mal nenhum nisso, associar a produção cultural à malta mais jovem, mais dinâmica, criativa, com ideias inovadoras e tal. Portanto, se calhar é preciso trabalhar aqui esta dimensão do envelhecimento demográfico como é que ele se articula com as artes. Há iniciativas que se vão vendo como a universidade da terceira idade que vai fazendo coisas, mas enfim não me parece que tenham uma dinâmica suficiente para alavancar o quer que seja. (2) E outra a dimensão é a económica, que é um declínio. E eu não tenho indicadores porque eu vivo no Barreiro e eu conheço bem a localidade, e portanto parece-me, quando comparo de memória com o que era o Barreiro, que há 20 anos atrás ou 15 existia uma vida nocturna no Barreiro. Existia muita coisa acontecer e a produção cultural muito ligada à noite (uma parte significativa da produção cultural e musical), e portanto existiam bares por todo lado, concertos sempre a acontecer e tal. Eu creio que isso estava associado ao dinamismo económico, ali no final de 90's e início de 2000. Depois veio a cair essa capacidade económica e isso acentuou-se muito com as duas crises que nós tivemos, a primeira crise em 2008, crise económica em 2009 e depois o governo da Troika... um colapso total, a precariedade, a pobreza, a emigração, e isso viu-se bastante, e agora com esta questão da pandemia. Eu creio que essas duas dinâmicas trespassam tudo, uma é o envelhecimento demográfico e outra é um certo declínio económico, talvez um empobrecimento mas mais do que isso é o acentuar da precarização. A precariedade, laboral e económica, que afeta a malta da cultura de forma mais do que proporcional e eu acho que isso marca muito. Porque na cultura é preciso haver uma dinâmica, é preciso haver bares, roteiros, espaços onde circulam, onde se contactam. Portanto se tirarmos a economia deixa de haver essa disponibilidade. Agora, mas eu creio que isto será mais circunstancial, mas é acumulativo, até se tira a própria presença e sem isso não existe. Não há nada só assente nas redes sociais, é uma falácia.

3. Que ações devemos tomar (enquanto arquitetos) para motivar a população a participar e a contribuir para a cultura num território como o Barreiro, onde grande parte da vida dessa população acontece fora dele?

Sou próximo dum arquiteto que me parece trabalhar na linha do que, digamos, bons arquitetos, que não são os arquitetos celebridades, os "Siza Vieira" desta vida... Embora que o Siza Vieira trabalhou no SAAL. O SAAL é uma referência para todas que se preocupam sobre as questões do território, que eu acho que vale ainda muita a pena ir olhar que lições de experiência é que podemos retirar do SAAL. Há muitas pessoas que têm trabalhado sobre isso, há o Bandeirinha de Coimbra (acho que o doutoramento dele foi sobre isso), Nuno Serra, ... muita gente tem escrito sobre o SAAL. O Tiago Castela que também é meu amigo, historiador de arquitetura (é arquiteto mas depois também enveredou pela história da arquitetura) que também tem trabalhado essas questões. E lá está, foi um fenómeno que foi efémero, durou um ano ou coisa que o valha, mas ainda hoje uma referência para qualquer arquiteto que queiram desenvolver processos deste tipo. Essa é uma referência importante. Depois acho que trabalho, por exemplo do Tiago Mota Saraiva, é um arquiteto que vou acompanhando (trabalho com ele mais à distancia e falo com ele até por outros motivos), e creio que ele faz coisas interessantes, como ali na Costa da Capa-

rica ontem tem aquela cozinha comunitária, onde também se pode aprender alguma coisa. Ele próprio vai beber ao SAAL, pois influenciou muita gente. Não sei, por acaso algum tempo que não leio nada no mundo da arquitetura, mas cheguei a ler umas coisas dos Unarchitect... Talvez na óptica dos arquitectos que têm de ter uma voz altura autoral e o próprio Siza Vieira fala disso... Creio que agora num desses programas em que entrevistaram o Souto Moura recentemente e ele falou um bocadinho disso, ele dizia que quando há aquelas assembleias populares no SAAL, o Siza Vieira nunca abdicou do seu conhecimento técnico. Participar mas há limites, porque as pessoas queriam, do ponto de vista técnico ou até funcional, as coisas mais disfuncionais ou pouco lógicas. Eu creio que aquilo que é fundamental é valorizar efetivamente a voz das pessoas, envolvê-las em todas as partes do processo e demonstrar sensibilidade para a circunstâncias próprias das comunidades, que depois pode levar aderir mais ou menos às coisas, não desistir desses processos. Lá está, aqui também é uma coisa que se cruza um bocadinho se pensarmos. Há os arquitetos para o qual o mundo é plano, que são os arquitetos que circulam na estratosfera, como o Siza que vão ao Dubai e fazem os arranha-céus, ou em Nova Iorque. Nesses casos as comunidades e as pessoas pouco contam, direi eu, pelo menos à primeira vista. Eventualmente terá processos a nível municipal ou ao nível dos poderes locais desses territórios. No Dubai tenho dúvidas mas também não sei. E depois há outra forma de pensar e de fazer arquitectura mas em enraizada, mais debaixo para cima, e essa acho que tem de ser mesmo construída não para as pessoas mas com as pessoas. Estou aqui a dizer muitos clichês, mas não sou arquiteto e não estou envolvido na prática concreta nos desafios intelectuais que vocês enfrentam na vossa prática profissional. Mas olhando na ótica de quem tem refletido sobre essas questões do território, que também já estive envolvido em processos participativos, eu diria que é isto: é não tentar defraudar as expectativas. Uma coisa sempre desafiante nestes processos de participação é o momento da saída, tem que ficar claro os tempos das coisas, tem de ser tudo transparente. Os processos não pode acabar abruptamente, por um lado, e por outro creio que também é mau irem desvanecendo, irem perdendo força. Creio que devem estar definidas, co-construídas as temporalidades, e depois há um momento até de celebração, de partilha em que se encerra estes processos, porque deixaste desvanecer e mau e terminar abruptamente também é mau. Eu já vivi ambos os tipos e em nenhum deles a situação é muito confortável. O caso mas claro e recente de final abrupto dum processo desse tipo, e que estava a ter bons resultados, e que queimou uma geração de pessoas para estes processos de participação. Arruinou quaisquer esperanças que estas populações, e muitas delas eram jovens relativamente neste tipo de processos, creio que morreram ali. Estou a referir-me à iniciativa Bairros Críticos (BC) que foi no Lagarteiro, no Vale da Amoreira da Cova da Moura. A história está contada pelo o António Brito Guterres (que está aí no ISCTE nos estudos urbanos), o João Ferrão também que eu geógrafo do ICS que foi secretário de estado na altura, a Maria João Freitas que estava no IRU, a Isabel Guerra (a socióloga que também era do ISCTE), o Nuno Portas também esteve envolvido, muita gente envolvida... creio que até o Teotónio Pereira também esteve envolvido. O que se passou foi que em 2012 entra o governo de Passos Coelho e naquele conjunto de medidas que se tomam num estado de graça, aqueles primeiros 100 dias de exercício do poder (enfim, pode ter sido um pouco mais) e nessa fase inicial do seu mandato, eles decidiram terminar abrupta e unilateralmente com a iniciativa dos Bairros Críticos, e portanto terminaram os financiamentos. Naquilo existia grupos, uma rede de atores locais envolvidos no processo que sem a presença do estado central - porque isto era

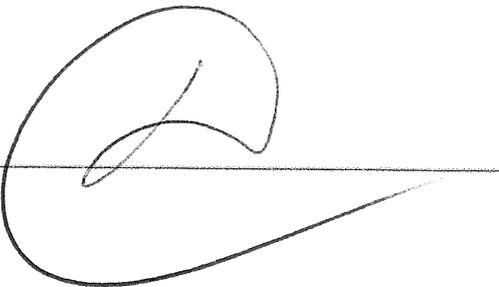
mesmo política pública medida pelo estado central, mas muito da base para o topo, mas toda arquitetura, toda a estrutura de suporte estava muito dependente - e esse é também outro desafio, muitas dessas coisas só acontecem se existir a presença do estado (o poder central) e quando ele sai as coisas colapsam. Ou porque o estado tem um papel de moderador de gerir as tensões e os conflitos que existem entre diferentes atores do terreno, isto é óbvio que acontece. Há um histórico de relações entre atores que nem sempre era harmonioso e portanto isso também importante para saber o sentido das mudanças, e o estado funciona muitas vezes como fiel da balança. Quando o estado sai, colapsa a coisa, seja por estrangulação financeira (que foi o caso) ou por incapacidade de gestão mais localizada da complexidade das dinâmicas entre os atores envolvidos nos processos. No caso, por exemplo, do Vale da Amoreira transferiu-se algumas dessas responsabilidades que transitaram para a freguesia para a autarquia, mas a coisa acabou por cair muito. Existia um equipamento âncora, e até escrevi um artigo com a Maria João Freitas sobre isso (acho que na Cidade Comunidades e Territórios, até uma revista do ISCTE). Portanto eles fizeram um centro de experimentação artística do Vale da Amoreira - mas lá está, um processo de desenvolvimento do território assente na cultura e das artes - a ideia era tornar aquele local uma nova centralidade num território periférico afirmando os recursos endógenos daquele território que são três: a vitalidade demográfica, digamos do ponto de vista demográfico há um envelhecimento muito menor, muito menos sentido do que fora do contexto do Vale da Amoreira (agora tem cerca de 17.000 pessoas), esse é um dos aspetos; e depois há outro, um tecido associativo importante e com dinâmica enraizada; e o terceiro e onde todos estes três aspetos se ligam é a questão das culturas híbridas, a crioulação, peso das africanidades, das sub-urbanidades, da periferia nestes territórios é algo único. Poderíamos pensar produção cultural associada a isso, sejam as culturas visuais, seja na música (muita música) que é gerada neste territórios e que depois se torna mainstream. Há muito esta ideia, há muito quem tenha escrito sobre isso na pós-modernidade, que é como as culturas dominantes num determinado momento nasceram nas periferias, e depois como elas migram para os centros. Há um livro do Carlos Fortuna que é sociólogo urbano cultural de Coimbra que tem tratado estas questões - Cidades e Urbanidades - que saiu agora, que pode ser importante para esse trabalho que estão a fazer, reflete muito sobre isto e sobre estes processos. Como é que se impõe a cultura hip-hop? Como é que é mainstream? Como é que move milhões? Uma coisa que surgiu no Bronx e no gueto. A própria cultura, no caso português, a importância da música africana (kuduros, kizombas, etc) há 20 anos era perfeitamente marginal e periférico, e hoje em dia é perfeitamente mainstream. Até há aquele caso do artista, um cantor canadiano que é o Drake, não acompanho muito, mas isto é verdadeiramente esta lógica. Infelizmente, e para terminar, essa questão do Vale da Amoreira, fecharam isso, o processo acabou, e o que é que aconteceu ao centro da experimentação artística? Sendo equipamento que estava inicialmente pensado e deu passos nesse sentido, ser verdadeiramente apropriado, gerido coletivamente pelas associações locais e esse equipamento (hoje em dia é equipamento vulgar, banal) passou gerido pela junta ou pela câmara com alguma articulação com associações, mas não são elas que definem a estratégia para local. É sempre a questão do poder local aqui a tomar a dianteira do processo. Não estou a dizer que isso não tenha aspectos positivos, mas neste caso concreto, eu creio que isso desvirtuou muito o espírito inicial do processo, e eu creio que também e terá contribuído (é uma impressão que tenho) para descredibilizar ainda mais este tipo de processo juntos daquela população.

Declaração

Para os devidos efeitos, Eu, André Corneio,
declaro que a transcrição em anexo corresponde à entrevista realizada no dia 02/12/20
pela Carina Ferreira, para a investigação no âmbito do Projeto Final de Arquitetura,
5ºano do Mestrado Integrado em Arquitetura, apenas para os fins anteriormente indicados e
durante o período estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

Bornes, 25 de Janeiro de 2021

Assinatura



ANEXO B

INQUÉRITO À POPULAÇÃO DO BARREIRO

Carimbo de data/hora	Género	Idade	Estado Civil	Ocupação	Habilitações Literárias	Zona de re
2021/02/23 00:20:18	Homem	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 08:54:27	Mulher	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 09:48:32	Mulher	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 10:45:47	Mulher	26 - 45 anos	Solteiro	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/23 11:48:42	Mulher	26 - 45 anos	Solteiro	Desempregado/a	Técnico profissional	Barreiro
2021/02/23 13:23:28	Homem	> 57 anos	União de facto	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 13:27:36	Mulher	26 - 45 anos	União de facto	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 13:37:47	Homem	46 - 57 anos	Casado	Estudante - Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/23 14:31:35	Homem	> 57 anos	Casado	Desempregado/a	2º Ciclo (6º ano)	Barreiro
2021/02/23 14:44:47	Homem	26 - 45 anos	Casado	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/23 15:18:54	Homem	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/23 15:25:53	Mulher	> 57 anos	Solteiro	Desempregado/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/23 16:07:48	Homem	> 57 anos	Casado	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 16:58:12	Mulher	> 57 anos	Casado	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 19:34:57	Homem	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/23 19:54:34	Mulher	46 - 57 anos	Divorciado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 19:54:49	Mulher	> 57 anos	Divorciado	Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/23 20:10:25	Mulher	> 57 anos	Viúvo	Domestica	Secundário	Barreiro
2021/02/23 21:10:35	Mulher	46 - 57 anos	Divorciado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 21:26:34	Mulher	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	2º Ciclo (6º ano)	Barreiro
2021/02/23 21:52:35	Mulher	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 22:08:48	Mulher	46 - 57 anos	Solteiro	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 22:32:31	Mulher	46 - 57 anos	Casado	Trabalhador/a	3º Ciclo (9º ano)	Barreiro
2021/02/23 23:15:01	Homem	26 - 45 anos	Casado	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/23 23:22:35	Mulher	> 57 anos	Casado	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/23 23:35:15	Homem	> 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/23 23:37:47	Homem	26 - 45 anos	Divorciado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/24 00:47:05	Mulher	46 - 57 anos	Divorciado	Operadora de hipermercado	Secundário	Barreiro
2021/02/24 01:56:01	Homem	> 57 anos	União de facto	Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/24 09:54:45	Mulher	16 - 25 anos	Solteiro	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/24 10:20:54	Mulher	26 - 45 anos	Solteiro	Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/24 10:35:03	Homem	26 - 45 anos	União de facto	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/24 11:10:25	Homem	46 - 57 anos	União de facto	Trabalhador/a	3º Ciclo (9º ano)	Barreiro
2021/02/24 12:29:33	Homem	> 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Doutoramento	Barreiro
2021/02/24 12:59:13	Homem	26 - 45 anos	Divorciado	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/24 13:32:34	Homem	> 57 anos	Casado	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/24 13:45:05	Homem	26 - 45 anos	Casado	Trabalhador/a	Mestrado	Barreiro
2021/02/24 16:07:19	Mulher	26 - 45 anos	Solteiro	Trabalhador/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/25 01:06:31	Mulher	> 57 anos	Casado	Reformado/a	3º Ciclo (9º ano)	Barreiro
2021/02/25 04:46:09	Homem	46 - 57 anos	União de facto	Trabalhador/a	Secundário	Barreiro
2021/02/25 09:46:30	Mulher	26 - 45 anos	Solteiro	Desempregado/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/26 08:22:59	Mulher	> 57 anos	Casado	Reformado/a	Secundário	Barreiro
2021/02/26 10:18:13	Mulher	46 - 57 anos	Divorciado	Desempregado/a	Licenciatura	Barreiro
2021/02/26 18:51:23	Homem	> 57 anos	Casado	Reformado/a	2º Ciclo (6º ano)	Barreiro
2021/03/02 16:25:11	Homem	> 57 anos	Casado	Trabalhador/a	Frequência terceiro ano do	Alto do Sei

si Quais são os aspectos positivos da zona da sua residência?

Estar perto de escolas, comércio em geral, hospital, transportes.

Ser no centro e ter todas as conveniências "a mão" e não ter necessidade de usar o carro para deslocações aos serviços....perto do parque, zona ribeirinha, passeio ribeirinho, etc

O Parque Catarina Eufemia, a proximidade de serviços e comércio, o mercado municipal e as suas esplanadas que permitem convívio entre os habitantes, e a zona à beira rio para passeios .

Centralidade, proximidade ao rio e espaços verdes

Junto do rio que me proporciona passeios e caminhadas e fazer "praia", apanhar sol.

Junto do comércio, escolas e transportes públicos sem ter que utilizar o carro, tudo me é possível a pé ou de bicicleta, apesar de ter carro.

Barreiro velho

transportes

As pessoas

Perto de Lisboa mas longe da confusão

Sossego

Viver junto ao rio

Proximidade do rio, dos parques e do mercado

A vista linda, e o comércio.

Centro da cidade

zona calma com espaços verdes.

Paisagem, sossego, segurança

Muito bem situado, pois tenho tribunal, hipermercado e transportes

A vista para Lisboa

Temos tdo perto da nossa casa , como por exemplo : centro médico , escolas , farmácias ,etc .Os vizinhos são ótimos eu adoro a minha terra .

Sossego e jardins

Centralizada

É um sítio tranquilo onde reina a paz e muito bonito.

Proximidade a Lisboa, rede transportes públicos, praia fluvial, zonas verdes, património cultural, baixo custo habitação, comércio e serviços satisfatórios

Estar no centro da cidade

Centralidade

Zona calma

Sossego

centralidade na margem sul

Ambiente muito calmo

Boa rede de transportes

Proximidade de comércio e vida social

boa acessibilidade

Arrajo de exteriores

Centralidade

Serviços úteis, perto de casa.

Vista rio

Proximidade a todos os serviços que necessito, escola, jardins espaços verdes etc

Localização

Centro

Ser tranquilo

Todos

Zona Ribeirinha e o facto do " centro do Barreiro " não ser dormitório . Famílias vivem aqui faz 3 geracoes

Perto dos transportes hospital mercado etc.

ra Zonas de lazer (Pólis, parque da cidade), acessos; pouca poluição sonora, arruamentos, escolas, hospital e hipermercados.

Quais são os aspectos negativos da zona da sua residência?

Falta de civismo por principalmente de donos de animais, visto as ruas estarem constantemente sujas com dejetos.

A degradação do chamado Barreiro Velho,

Os contentores de lixo e ecopontos mal utilizados pelos munícipes, com enorme falta de respeito pelos outros e por si próprios.

Não tem

Espaços para praticar desporto ao ar livre como skate parque, campos de basketball e futebol, zonas para os miúdos andarem de patins e bicicleta.

Aproveitar e reabilitar os edifícios abandonados na zona industrial para jovens artistas e novas empresas a baixo custo.

Zona da estação dos comboios antiga reabilitada para zona de espetáculos, cultura e lazer.

Tudo que não está aproveitando e está aonabando.

A estação dos barcos péssimo, mal pensado é uma zona fria e que se apanha chuva.

Barreiro velho

Sossego e ter tudo perto

pouca cultura

A estagnação económica

Pouca oferta cultural e de comércio

Falta de economia.

Falta de estacionamento

desleixo com a recolha de lixo

Distante do Forum Barreiro.

Falta de acessibilidades aos concelhos vizinhos

estradas a precisar de arranjo.

Algumas estruturas degradadas

Muita violência e barulho

Falta de zonas de lazer (zonas verdes)

As lixeiras humanas

Falta as estradas estarem em condições para circularmos e mais espaços verdes

Baixo rendimento per capita, baixa escolarização da população, excesso de graffiti

falta de programas culturais

Frio

falta de acesso directo à margem norte

À volta casas degradadas

Falta de shopping grande

Falta estacionamento

poucos espaços verdes

Não tem

Falta de manutenção dos espaços públicos, ruas /passeios, muitos pombos que são um atentado à saúde.

Perto de zona industrial

Vi no centro da cidade e como tal o principal problema é o estacionamento. Contudo a mim não me afeta pois tenho garagem

Barulho trânsito

N

Muito sujo

Não tem

O Barreiro Velho degradado e casas ocupadas , tenho vindo a sentir falta de segurança

Falta de arvoredo

É uma zona predominantemente dormitório.

Baseado nos serviços indicados na pergunta anterior, quais são c	Qual o meio de transporte	[Se na pergunta anterior e	Em espaços públicos, que	Sente falta de
Residir mais próximo do trabalho.	Barco	Sim	Bicicleta, corrida,caminha	Espaços de co
i Nenhum	Carros / Veículo Próprio	Sim	Tenis, basket	Museu, Espaça
i Nenhum	Carros / Veículo Próprio	Sim	Caminhadas	Teatro / Cinem
i Trabalho	A pé	Sim	Assistir a concertos e esp	Espaços de co
i Trabalho	A pé	Sim	Caminhar e apreciar o sol	Zonas desport
Limpeza segurança	Taxis / Uber / ...	Sim	Lazer	Espaços de co
r Espaços para divertimento a nível adulto e infantil	Carros / Veículo Próprio	Talvez	Cinema, teatro	Espaços de co
museus parques complexo desportivo	Carros / Veículo Próprio	Sim	jogging	Museu, Bibliot
Bricolage	Carros / Veículo Próprio	Sim	Passear e desporto	Teatro / Cinem
e Museus, concertos, teatros, eventos culturais, bares	Bicicleta	Sim	Passear, ler,	Museu, Espaça
Cultura	A pé	Não	Passear	Museu, Espaça
Cultura, actividades culturais	A pé	Sim	Actividades desportivas	Museu, Espaça
Nada	Carros / Veículo Próprio	Talvez	caminhar	Espaços de co
Clubes e cinemas.	Carros / Veículo Próprio	Sim	Picnic	Museu, Espaça
e Trabalho	Carros / Veículo Próprio	Não	Caminhar	Museu
restaurantes, bancos.	Carros / Veículo Próprio	Sim	passoar, ler, exercício físic	Espaços de co
Lazer, museus, associações culturais,	Carros / Veículo Próprio	Sim	Hortas urbanas	Museu, Espaça
Não estou a ver, pois estamos muito bem servidos	Carro próprio	Sim	Nenhuma pois tenho tudo	Museu, Espaça
Zona verde	Carros / Veículo Próprio	Sim	Passear o meu cão , e an	Espaços de ex
Faz mta falta uma creche	Carros / Veículo Próprio	Sim	Caminhada e piquenique	Espaços de co
Transportes	Carros / Veículo Próprio	Talvez	Caminhadas	Teatro / Cinem
i Banco	Autocarro	Talvez	Caminhar	Teatro / Cinem
Trznsportes publicos são escassos,Biblioteca, Restauraantes,serv	Carros / Veículo Próprio	Sim	Algum desporto pra minh	Museu, Bibliot
i Trabalho	Carros / Veículo Próprio	Talvez	Sem definição	Espaços de co
i Cultura	A pé	Sim	programas culturais	Museu, Espaça
i Supermercado	Carros / Veículo Próprio	Não	Desporto	Museu, Espaça
1 Bancos	Autocarro	Sim	Ginásio	Museu, Bibliot
Restaurante	Carros / Veículo Próprio	Não	Apanhar ar	Museu, Teatro
i nenhum	Carros / Veículo Próprio	Não	Ter lugar para deixar o câ	Teatro / Cinem
i Vivo no centro do Barreiro	A pé	Sim	Bicicleta	Espaços de co
Universidades ou polos	Barco	Sim	Desporto	Museu
3 Livraria e loja de discos	Carros / Veículo Próprio	Sim	Assistir a concertos	Museu, Espaça
bibliotecas	A pé	Sim	caminhar a pé	Museu, Espaça
Centro de ESTAR E CONVIVER DOS MUNÍCIPES.	Carros / Veículo Próprio	Sim	Identificação das espécie	Biblioteca, Esp
3 Espaço verde	Carros / Veículo Próprio	Sim	Caminhar	Teatro / Cinem
CTT	Carros / Veículo Próprio	Não	Andar.	Teatro / Cinem
i Mais cultura	Carros / Veículo Próprio	Sim	Passear	Museu, Espaça
i Os equipamentos culturais	Carros / Veículo Próprio	Sim	Lazer puro Natureza	Ateliers / Labo
i Nada	Carros / Veículo Próprio	Sim	Passear	Ateliers / Labo
i Nenhum	Carros / Veículo Próprio	Sim	Desporto	Espaços de ex
Tem tudo perto	Barco	Sim	Correr	Zonas desport
i Não são todos perto mas são de fácil acesso	A pé	Sim	Andar a pé	Espaços de co
i Estacionamento	Carros / Veículo Próprio	Sim	Caminhar , esplanada , pi	Zonas desport
i Piscinas	Carros / Veículo Próprio	Talvez	Jogar bola piscinas	Teatro / Cinem
Trabalho	Carros / Veículo Próprio	Sim	Pesca apeeda	Teatro / Cinem

algum espaço cultural?
o-work / trabalho / estudo
os de co-work / trabalho / estudo, Zonas desportivas
na
o-work / trabalho / estudo

ivas
onívio
onívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Espaços de co-work / trabalho / estudo, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
eca, Espaços de exposições, Espaços de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Espaços de co-work / trabalho / estudo, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
na
os de exposições, Teatro / Cinema
os de exposições, Teatro / Cinema
os de convívio, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
o-work / trabalho / estudo
os de convívio, Teatro / Cinema, Zonas desportivas

onívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Teatro / Cinema
os de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Zonas desportivas
os de exposições
xposições, Espaços de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Espaços de co-work / trabalho / estudo, Zonas desportivas
onívio, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
na, Zonas desportivas
na
eca, Espaços de exposições, Espaços de convívio, Espaços de co-work / trabalho / estudo, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
onívio

os de exposições, Espaços de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Teatro / Cinema
os de exposições
eca, Espaços de convívio, Teatro / Cinema
/ Cinema
na
onívio

os de convívio, Zonas desportivas
os de exposições, Espaços de convívio, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
os de exposições, Espaços de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Espaços de co-work / trabalho / estudo, Teatro / Cinema
na
na
os de exposições, Espaços de convívio, Ateliers / Laboratórios criativos, Teatro / Cinema

bratórios criativos
bratórios criativos
xposições, Teatro / Cinema
ivas
onívio, Teatro / Cinema, Zonas desportivas
ivas
na, Zonas desportivas
na

Que tipos de atividades de lazer e desportivas (especificar) gostaria de ter acesso para além das referidas anteriormente?

Tenho tudo em geral.

Tenis, basket

Nenhum

Mais nenhuma

Skatepark, zonas para andar de patins e skate com as crianças e mais espaços verdes.

Segurança

!

eventos

Nenhuma

Auditório (concertos) e espaços de animação nocturna

Caçar.

Natação, bailes

ligadas ao estuário

Clubes com piscinas, esportes e lazer.

Futebol

convívio, parque canino.

Passeios organizados, visitas guiadas, torneios de ténis, squash, etc

Nenhuma

Piscina

Nenhuma

Pavilhões de desporto

Escola de mergulho

Ginástica, jogos

Nenhuma.. Tive de colocar uma resposta para poder avançar

piscina

Piscina

B

Cinema

nenhuma

Piscina

Caminhadas

Natação

andar de bicicleta

Nada em particular

Nada a acrescentar.

Música ao ar livre

Musica

Actividades da Universidade Senior

Nenhuma

Correr

Dançar

Piscina

Piscinas

Melhoramento / aproveitamento da zona Ribeirinha

	Que tipo de atividades gosta/gostaria de fazer em espaços verdes?
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Descanso, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Higiene
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio), Parques infantis
	Convívio
	Convívio
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Parques infantis
	Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio), Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio), Parques infantis
0	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio, Descanso, Parques infantis
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Descanso
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Hortas urbanas (espaços de cultivo próprio)
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Convívio
	Exercício físico (caminhada, corrida, desportos, etc), Parques infantis
	Piscina de Qualidade

Imagine que o território da antiga C.U.F. passa a ser habitado. Que novos usos/atividades gostaria de ver naquele espaço?				
Espaços verdes,parques, jardins.				
Espaço livre, desportivo, cultural (museu, turismo, Teatro...) parques infantis e criativos. Espaço cowork				
Espaços verdes, caminhos pedfamos e ciclovia, actividades culturais				
Espaços verdes e culturais				
Menos prédios!!! Não a habitação em altura mais aproveitamento do existente e recuperado para espaços de pequenos negócios, atelier para artistas e outros, etc. Pequenas ortas comunitárias para os cidadãos terem mais recursos alimentares principalmente. Urbanizações de pequenas dimensões para jovens ou pequenas famílias de baixo custo. Não apagar a história que a cidade do Barreiro tem manter alguns edifícios e características como fachadas, etc.				
Segurança higiene				
Desmente que foi bem urbanizado podoa ser qualquer coisa. Mas precisamos de espaço com cinema como deve ser p.ex.				
mix residencial terciario e universitario				
Zona industrial organizada				
Habitação/ espacos verdes/ cultura/desporto. No fundo, uma cidade completa e qualificada				
Serviços.				
Actividades de lazer, bares, restaurantes, salas de espectáculo, centro comercial, salas de exposições, auditório				
Indústria				
Clube com espaços verdes , desportivos , restaurantes e convívio.				
Indústria				
zona habitacional mas não de prédios altos, com espaços verdes e parque.				
Museu, Pavilhão de exposições,				
Muitos pois é um sítio muito bonito e parece ser bem calmo				
Algo que bonito , pensado de origem que atraísse mais pessoas para viver no Barreiro, pois o Barreiro e uma península e a zona ribeirinha e linda				
Creche , piscinas ,faculdade ,pavilhão desportivo				
Espaços verdes, passadiço e pavilhão municipal.				
Centro de saúde				
Cinema, Convívios sociais,espaços verdes				
Atividade empresarial				
habitação, lazer e serviços				
Habitação				
Hotelaria e turismo				
Jardins				
Um grande parque universitário de ID, laboratórios tecnológicos e empresas associadas a ambos. Casas já cá há muitas mas empregos não é necessá				
Piscina municipal				
Lazer				
Espaço verde com condições para eventos de grande dimensão e outros. A área é enorme dá para muita coisa.				
espaços de lazer e habitação				
Sociais, culturais e restauração.				
Actividades económicas, como sejam de restauração e hotelaria, empresas de logística de apoio ao novo Aeroporto, entre outras, de forma a promover				
Espaços verdes e de lazer.				
Bares com esplanadas.				
Parques de lazer, música ao ar livre, com zona de exposições e cafés				
O ex território da CUF deve ser um território utilizado eminentemente para trabalho / empresas (por exemplo o terminal Portuário do Barreiro com a transferência do Porto de Lisboa) podendo e devendo ter alguma habitação (pouca), espaço públicos de lazer, ciclovia e eq				
Gostaria que acima de tudo fosse aproveitado para desenvolver o Barreiro e trazer melhor qualidade de vida as suas populações				
Mas veria com bons olhos um grande equipamento cultural de referência na AML (ex a ópera da AML)				
Jardins, esplanadas, parque infantil, espectáculos.				
Espaços verdes				
Espaços verdes				
Piscinas e espaços verdes				
Marina				
Sim				
Aproveitamento de toda a zona ribeirinha para actividades de lazer				

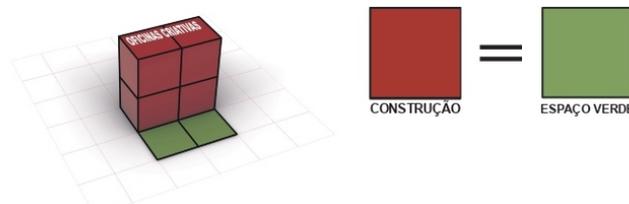
ANEXO C

PEÇAS DO JOGO PLAY THE CITY - BARREIRO

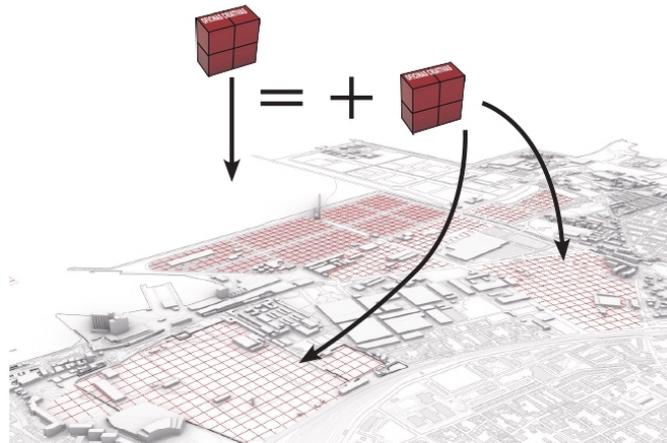
PLAY THE CITY BARREIRO



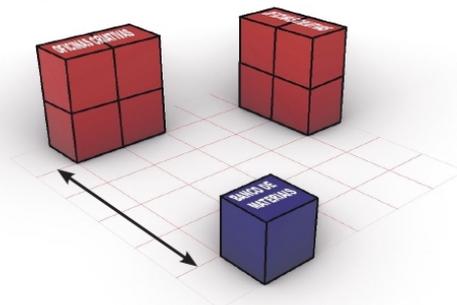
1. As jogadas são realizadas em sequência.
2. A cada jogador é atribuída, por sorteio, uma carta que corresponde a um ator local.
3. O jogo é composto por 5 rondas, com 6 jogadas no máximo em cada (1 jogada por jogador).
4. Em cada jogada são colocadas 4 peças e não deve durar mais de 5 minutos para cada.
5. Os jogadores deverão justificar todas as suas jogadas.
6. Em caso de conflito, respeitar a jogada anterior.
7. Por cada 1 quadrado de construção, inserir 1 quadrado de espaço verde.
8. Cada unidade de Hortas, Compostagem, Convívio e Recreio são peças que deverão ser colocadas em cima dos Espaços Verdes.



7. Cada unidade de Hortas, Compostagem, Convívio e Recreio são peças que deverão ser colocadas em cima dos Espaços Verdes.
8. Cada oficina ou indústria necessita de um banco de materiais a 4 quadrados de distância.



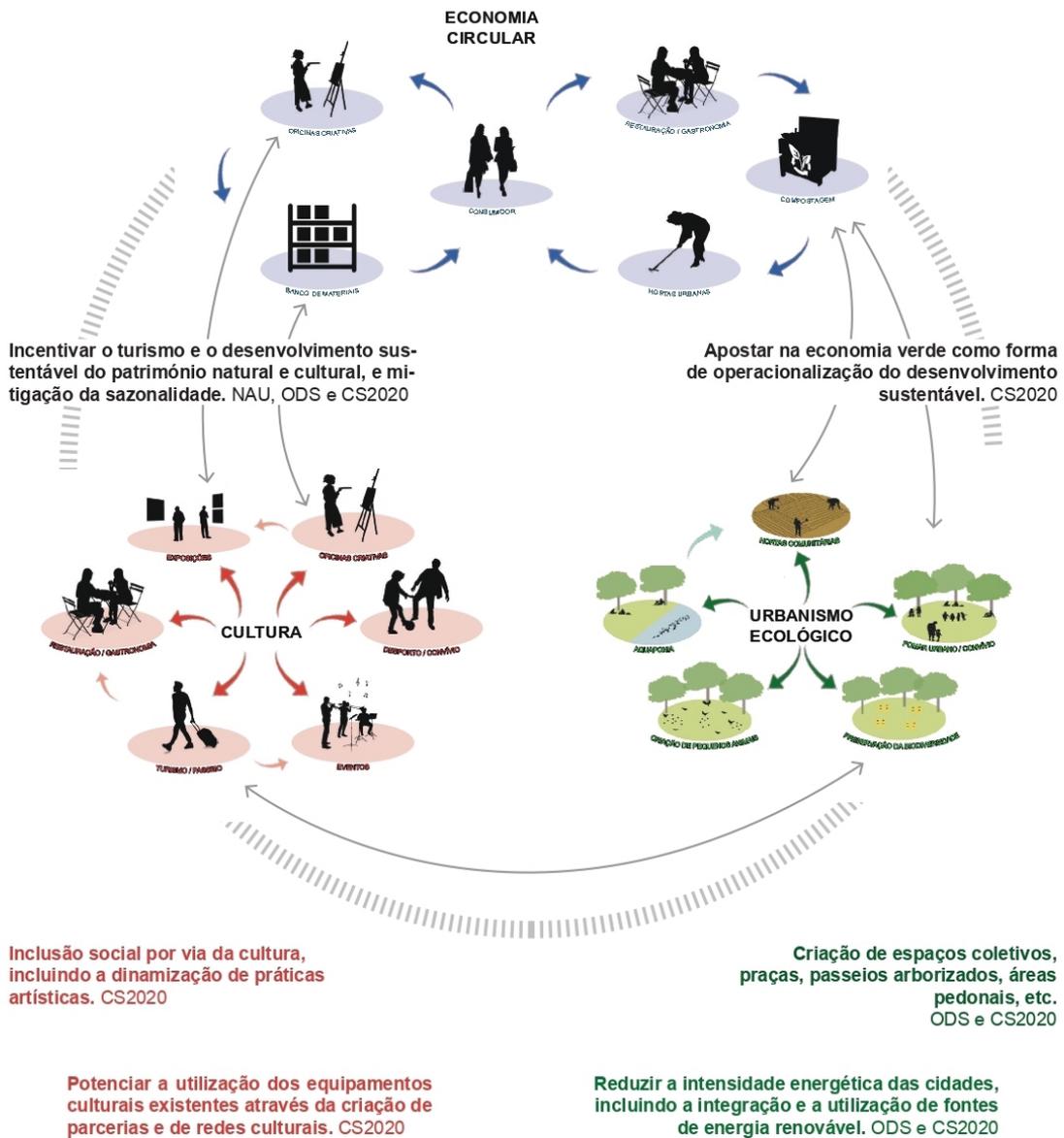
9. Bónus: Na zona assinalada a cinzento, por cada peça colocada, outra peça deve ser atribuída no tabuleiro fora dessa zona.



Cidades mais saudáveis e redução do desperdício. CS2020

Garantir padrões de consumo e produção sustentável e uso eficiente dos recursos naturais; gestão de resíduos (prevenção, redução, reciclagem e reutilização). ODS

Estimular a mobilidade sustentável nos processos de regeneração urbana, promovendo a diversificação da oferta de proximidade. CS2020



CULTURA

Áreas Desportivas

5400 m²



El Pueblo, Los Angeles

Centro de Eventos

5400 m²



Teatro Oficina, Brasil

Cine/Teatro

3600 m²



Grande auditório, Gulbenkian, Lisboa

Biblioteca

3600 m²



Biblioteca de arte, Gulbenkian, Lisboa

Espaços Expositivos

1800 m²



PADA Studio, Barreiro

Oficinas Criativas

1800 m²



ArtWorks, Póvoa do Varzim

CULTURA

Politécnico

5400 m²



Politécnico, Setúbal

**Universida-
de sénior**

3600 m²



Universidade sénior,
Caldas da Rainha

Creche

3600 m²



Quinta dos Encantos, Tomar

Hostel/Hotel

5400 m²



Sunset Hostel, Lisboa

**Restau-
ração**

900 m²



Porto dos Gatos, Porto

ECONOMIA CIRCULAR

Aquaponia

5400 m²



Aquaponia, Japão

Cozinha Com.

900 m²



Cozinha comunitária,
Costa da Caparica

Banco Materiais

900 m²



ArtWorks, Póvoa do Varzim

Rua



Avenida da Liberdade, Lisboa

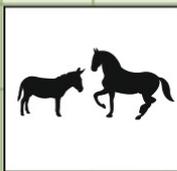
Ciclovía



Ciclovía, Copenhaga - Dinamarca

URBANISMO ECOLÓGICO

Espaços Verdes



QUINTA PEDAGÓGICA



CONVÍVIO



Parque da Cidade do Porto



Quinta Pedagógica, Lisboa



MFO-Park, Suíça



ZONAS DE RECREIO



HORTAS URBANAS



COMPOSTAGEM



Oshop Oeves, Amesterdão



Potage du Roi, França



Projeto Lisboa a compostar



ENERGIA SOLAR



ENERGIA HÍDRICA



ENERGIA ÉOLICA



Moinho de maré, Barreiro



Moinho de vento, Barreiro

PEÇAS GERAIS

Comércio

1800 m²



A Progresso, Lisboa

Serviços

1800 m²



Sapateiro, Cascais

Habitação

1800 m²



Habitação Cooperativa, Viena

Clínica

3600 m²



CUF Tejo, Lisboa

**Centro de
Reabilitação
/Abrigo**

3600 m²



El Pueblo, Los Angeles

**Empresas
Co-work**

2700 m²



Cahoots, Barcelona

**Centro
Com.**

900 m²



SESC Pompeia, Brasil



A cidade do Barreiro, apesar de ter poucas possibilidades económicas, tem uma história industrial e ferroviária muito rica.

Na luta por melhores condições de trabalho surgiram diferentes movimentos sociais, que fomentaram o sentido da comunidade aos barreirenses que até hoje prevalece.

CIDADÃO ATIVO

OBJETIVOS:

Criar mais variedades de comércio local e incentivar uma nova atividade social, relacionada com restauração.

Dinamizar a cidade e usufruir de mais atividades de lazer e desporto.

Criação de atividade noturna.

Promover a alimentação sustentável e autosuficiente.



Promover o desenvolvimento do município nas áreas da saúde, educação, ação social e habitação, no ambiente e saneamento básico, no ordenamento do território e urbanismo, nos transportes e comunicações, no abastecimento público, no desporto e cultura, na defesa do consumidor e a proteção civil.

CÂMARA MUNICIPAL

OBJETIVOS:

Tornar o autocarro mais vantajoso em relação ao automóvel.

Consolidar as várias ciclovias.

Fomentar a educação.

Promover industriais mais sustentáveis, através da energia verde.



Augusto Sousa é um ativista que estudou psicologia educacional. Em 1981, Augusto Sousa participou na fundação da cooperativa RUMO (rede de empregabilidade barreiro moita), do qual foi presidente da direção durante muitos anos.

Participou na associação NÓS em 1992. Colaborou diversas associações, entre elas a organização Mellitus (associação de pais com filhos com diabetes tipo 1).

AUGUSTO SOUSA

OBJETIVOS:

Necessidade de serviços, comércio e restauração.

Criação de dinâmicas culturais.

Locais de interação populacional.

Dinamização de espaços verdes, através do convívio e locais para as crianças brincarem.



A Baía do Tejo S.A. tem como objetivo valorizar os territórios localizados nos concelhos do Barreiro, Seixal, Almada e Estarreja, relativamente à manutenção da atividade e gestão de parques empresariais existentes nos vários territórios.

Pretendem desenvolver a sua ação através de políticas de racionalidade e sustentabilidade económica, social e ambiental, procurando eliminar os passivos poluidores existentes e criar condições para a instalação de (novas) atividades económicas geradoras de emprego e que permitam o desenvolvimento local.

BAÍA DO TEJO

OBJETIVOS:

Criação de postos de trabalho.

Diversificação da atividade económica ao nível das industrial.

Promover industriais mais sustentáveis, através de energia verdes.

Dinamização dos espaços verdes com diversas atividades na frente ribeirinha.



Fundada em 2009, é uma associação cultural sem fins lucrativos que celebra e faz acontecer eventos no âmbito da música e que procura transcender géneros e fronteiras de estilos através dos mais variados formatos (concertos, cinema, etc), promovendo uma cultura alternativa e enriquecedora.

Tenta contribuir com a realização dos seus eventos, permitindo a criação de memórias coletivas no concelho e nos espaços de valor patrimonial, nem sempre conhecidos do público em geral. Também é a produtora do OUTFEST, iniciado no ano de 2004.

OU.TRA

OBJETIVOS:

Criar novos espaços e atividades que contribuam para a identidade cultural do Barreiro.

Criação de emprego para jovens / artistas.

Criar novos espaços para a programação artística de forma permanente.

Trazer de volta a vida noturna do Barreiro.



Em 2011/2012, durante o período das campanhas do Rossio, no Barreiro organizaram-se assembleias populares, de onde surgiram várias iniciativas, sendo uma delas a horta comunitária. Em 2015 o grupo instalou-se num edifício que era uma antiga igreja, do qual o mesmo a reconstruiu e surgiu assim a cooperativa Mula.

A Mula organiza workshops ligados à alimentação, exibições de filmes, concertos, debates sobre temas diversos, arraias e outros eventos culturais. Para além da realização de eventos, também possuem uma mercearia local e biológica em conjunto com uma cantina e estes criam algum emprego. Apoiam diferentes iniciativas de intervenção local, social e política.

MULA

OBJETIVOS:

Local de fornecimento de alimentos e bens à população.

Dinamizar a comunidade através de eventos e atividades.

Local de apoio à comunidade, de forma a facilitar o acesso a uma alimentação saudável.

Promover a autossuficiência através de hortas urbanas.



Pretendemos desenvolver uma relação de estreita proximidade com os Agrupamentos de Escolas, as Associações de Pais e os Encarregados de Educação.

Apoiam o Movimento Associativo da Freguesia, nos seus projetos e atividades culturais, desportivas e sociais.

Valorizam as iniciativas promotoras da cultura e do desporto, como forma de aproximar a população e gerar laços de afeto e de incentivo a estilos de vida saudáveis.

JUNTA DE FREGUESIA

OBJETIVOS:

Promover mobilidade através das ciclovias e autocarros.

Valorização do desporto como estilo de vida saudável, através de eventos e requalificação de equipamentos.

Produção de alimentos em massa para a população do Barreiro e do Lavradio.

CARTA DE AÇÃO

10 x ou ou

NEGOCIAR COM MULA E AUGUSTO SOUSA

2 x

NEGOCIAR COM JUNTA DE FREGUESIA

10 x

NEGOCIAR COM OU TRA

10 x

NEGOCIAR COM MULA

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

10 x ou ou

NEGOCIAR COM O CIDADÃO ATIVO, MULA

4 x ou ou

NEGOCIAR COM A OU TRA

2 x

10 x ou

NEGOCIAR COM A BAÍA DO TEJO

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

10 x

NEGOCIAR COM A JUNTA DE FREGUESIA

10 x

NEGOCIAR COM A JUNTA DE FREGUESIA

2 x ou

10 x ou ou

NEGOCIAR COM A BAÍA TEJO

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

2 x

4 x ou

NEGOCIAR COM A OU TRA

10 x ou ou

NEGOCIAR COM A CÂMARA MUNICIPAL

10 x ou

NEGOCIAR COM O AUGUSTO SOUSA

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

4 x ou ou

NEGOCIAR COM AUGUSTO SOUSA

4 x ou

NEGOCIAR COM A BAÍA TEJO

4 x

NEGOCIAR COM MULA

4 x

NEGOCIAR COM CIDADÃO ATIVO

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

10 x ou ou

NEGOCIAR COM O CIDADÃO ATIVO E AUGUSTO SOUSA

4 x

NEGOCIAR COM A OU TRA

2 x

10 x

NEGOCIAR COM O CIDADÃO ATIVO

Ocupação Prioritária do Património Devoluto

CARTA DE AÇÃO

10 x

NEGOCIAR COM A CÂMARA MUNICIPAL

10 x

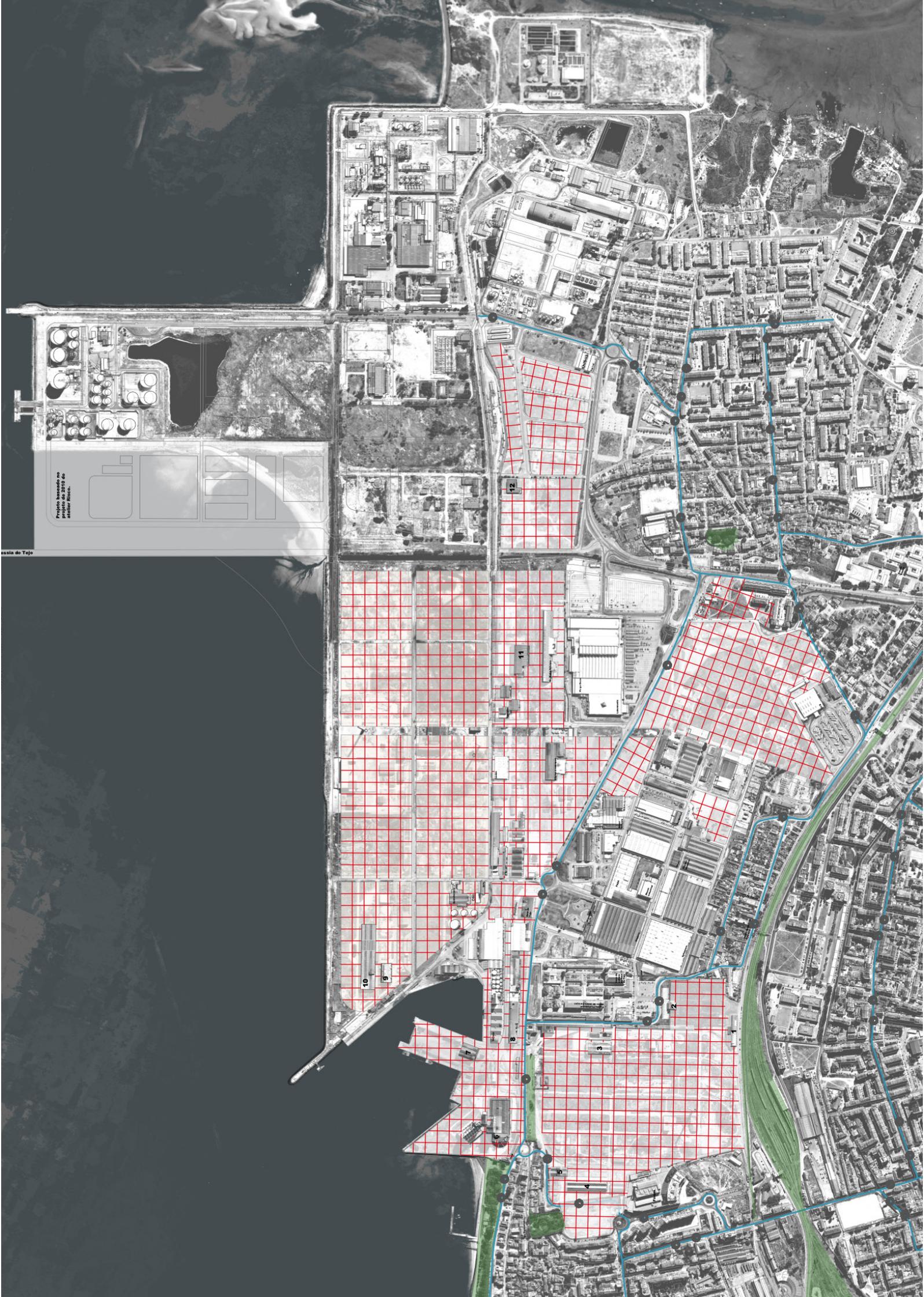
NEGOCIAR COM A CÂMARA MUNICIPAL

2 x

NEGOCIAR COM O CIDADÃO ATIVO

2 x

Ocupação Prioritária do Património Devoluto



Projeto de saneamento no
setor Bisco.

Assis de Tojo

10
9

11

12

5

6

7

8

1

2

3

4

